

ELIANNE PARAISO DE QUEIROZ

MARIA DOLORES SOSIN RODRIGUEZ

RODRIGO DOS SANTOS BORGES

VALTER ZAQUEU SANTOS DA SILVA

(Orgs.)



ELIANNE PARAISO DE QUEIROZ

MARIA DOLORES SOSIN RODRIGUEZ

RODRIGO DOS SANTOS BORGES

VALTER ZAQUEU SANTOS DA SILVA

(ORGS.)

FEIRA DE SANTANA NEGRA



Apoio Financeiro:

PREFEITURA DE
FEIRA
O GOVERNO DA GENTE

SECRETARIA
DE CULTURA,
ESPORTE E LAZER
FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

EDITORA SEGUNDO SELO, 2021

FICHA TÉCNICA

Capa

Fábio Rodrigues Filho

Design gráfico

Fábio Rodrigues Filho

Santiago Fontoura

Diagramação

Santiago Fontoura

Revisão

Leona Santy

R696f RODRIGUEZ, Maria Dolores et al.
 Feira de Santana Negra / Org. Maria Dolores Sosin
 Rodriguez, Rodrigo dos Santos Borges, Elianne
 Paraíso de Queiroz e Valter Zaqueu Santos da Silva. 1. ed.
 Salvador: Editora Segundo Selo, 2021.
 123 p.
 ISBN: 978-65-86754-34-6
 1. Negritude 2. Feira de Santana 3. Personalidades
 negras 4. Racismo I. Título

CDD: 305

SUMÁRIO

Prefácio As pessoas organizadoras	5
<i>Racismo, desigualdades sociais e políticas públicas em saúde</i> Edna Maria de Araújo	14
<i>Testemunhos literários e culturas negras: por uma política de preservação da memória afro-brasileira em Feira de Santana</i> Josivaldo Pires de Oliveira	26
<i>A tradição oral afro-brasileira e sua força</i> Luana Oliveira	40
<i>Lucas da Vila de Sant'anna da Feira – resgate da memória de Feira de Santana</i> Marcelo Oliveira Lima / Igor Rossini	52
<i>Onã: entre alinhavos, tranças e prosas</i> Flávia Santana Santos	70
<i>Trajetória de luta na emancipação negra e quilombola: Mestre Cacião</i> Entrevista concedida a Rodrigo Borges	75
<i>"Eu tenho orgulho de ser negra e ser a mulher que sou"</i> Ana da Maniçoba	85
<i>Gilsam: o humano, o ser social, o artista!</i> <i>(O início, a construção e o caminho) / bio e grafia!</i> Gilsam	88
<i>Ensaio "natureza, corpo, transmutação"</i> Bruno Santana	105
<i>A mulher negra em Feira de Santana</i> Laila Geovana Beirão	110
<i>Meu pranto tem cor!</i> Ellen Oliveira Santana	113
<i>Posfácio</i> Frei Cal	115

PREFÁCIO

Estamos em 2021 e este não é um ano qualquer. No mês em que este livro será lançado, teremos alcançado a vergonhosa marca de mais de 250 mil mortes em decorrência do COVID-19. E tudo nisso é político. A forma como as gestões federais, estaduais e municipais escolhem lidar com essa terrível crise sanitária e humanitária que atravessamos, mas também a forma como se anulam, como se esquivam de suas responsabilidades, como ocultam, quando deixam de fazer, de agir, de atuar nesse momento em que as tomadas de ações são desesperadamente necessárias. Vivemos sobre a égide de pessoas perversas que não estão se revelando agora, mas, antes disso, sempre estiveram em evidência no manejo de nossa desgraça, de nosso empobrecimento e de grande parte da feiura do mundo.

O projeto *Feira de Santana Negra* nasce de uma expectativa de beleza, de saúde e de enaltecimento da vida. Valeria dizer que 75% da população feirense é negra, mas o nosso intento está em apresentar a memória, a história e a experiência de pessoas negras e isso significa, como sabermos, dizer que todas as pessoas, independentemente de sua raça, sexualidade, gênero, classe etc., estão implicadas nisso. É de interesse geral de todas, todos e todes. Parece sempre redundante dizer, mas pessoas negras são pessoas. O mundo colonial atravessou o Atlântico proclamando

uma modernidade em nome do “desenvolvimento”, da “evolução”, do “progresso” mas, no entanto, sabemos que isso foi às custas de nossas mortes, de invasões bárbaras europeias disfarçadas de cruzadas, em algum sentido, progressistas. Encobertas por um embuste de avanço, mas avanço do capital colonial, nos legando o terror, o esquecimento, a não-humanidade, a ausência de terra pra chamarmos de nossa.

Feira de Santana não fica atrás no alto preço que pagamos até hoje, seja através do seu colonialismo tardio, enaltecido nas facetas de um coronelismo igualmente invasor, bárbaro e desumanizador de pessoas não brancas, não heterossexuais, não cisgêneras, não homens, não ricas, mas também na expressão de um comércio agressivo que vulnerabiliza as relações sociais. Se lutamos pela inserção, por exemplo, de dados que revelem a imensa desigualdade racial nos índices que dizem respeito ao COVID-19, pois sabemos que somos a população mais atingida em todos eles, também lutamos através do gesto desta publicação para o realojamento das realidades e questões que atingem de forma distinta grupos distintos de pessoas.

O silêncio sobre as hierarquias e diferenças raciais em Feira de Santana (ou em qualquer outra parte do mundo) diz respeito àquele mesmo projeto colonizador antinegro. O que, em sociedades de democracias frágeis, como é o nosso caso em particular, diz respeito também à ausência de políticas públicas e de gerência do Estado e dos governos. Aquilo que é ignorado, que é tratado como inexistente, não pode gerar

nenhum efeito possível de mobilizações advindas das estruturas.

No entanto, em meio às pluralidades de nossas existências, estamos aqui para, a partir da oportunidade de realização desse projeto, que também só foi possível em decorrência de verba pública, que nos pertence por direito, incentivarmos um cenário profícuo de diálogos acerca dos temas que consideramos os mais importantes e os mais urgentes – todos dizem respeito à própria vida, à dignidade, aos direitos fundamentais e básicos, à arte, ao prazer.

Por isso, apesar de ser difícil esquecer “em que ano estamos”, também cantamos com Luiz Melodia quando ele acrescenta: “Pérola Negra, te amo, te amo. Rasgue a camisa, enxugue meu pranto/ Como prova de amor mostre teu novo canto/ Escreva num quadro em palavras gigantes/ Pérola Negra, te amo, te amo”.

Como prova de amor ao nosso povo, escrevendo em palavras gigantes, mostramos este nosso canto. Nem tão novo assim, mas com as energias renovadas pela chance de termos conseguido realizar algo que consideramos grandioso. Não apesar de tudo, mas por causa de tudo. *Feira de Santana Negra* é um projeto sobre a presença, a experiência e história negras em nossa cidade. Foram quatro mesas de discussão, debates, trocas e diálogos. Em todas elas, homenageamos pessoas de vital importância e relevância para Feira de Santana e, portanto, para o estado da Bahia, para o Brasil e, dessa forma, para toda a afro-diáspora. Buscamos afirmar, por meio deste projeto,

que Feira de Santana é negra. Além de todas as outras identidades, também somos a terra de Lucas, a terra de Ana da Maniçoba, a terra de Ivannide Santa Bárbara, a terra de Jean Marques.

Nesse sentido, ainda, achamos que seria fundamental começarmos partindo do desejo de promover a troca, a interação, o encontro entre pessoas de áreas distintas. Isso porque era também nosso desejo investir em um evento que não privilegiasse apenas uma área do saber, do trabalho, do conhecimento, da ação prática, demonstrando, desse modo, a grande pluralidade que somos, mas também o tamanho da nossa importância no que tange à construção da cidade em toda a sua totalidade, em todas as suas áreas.

Gostaríamos de investir também na possibilidade de invenção, de criação e de potencialidades que emergem dessas áreas distintas, não perdendo de vista que os conhecimentos negros são subalternizados e vistos, muitas vezes, como meras credices, apêndices recreativos ou estruturas que diminuem o caráter não só pedagógico, mas transformativo em muitos sentidos da sociedade, da cultura, da vida. Essa é a razão também de termos, dentre os textos e produções registrados aqui neste livro, as diversas formas escolhidas livremente por suas autoras e autores. Queremos ressaltar, todavia, que estamos mais do que certos de que essa iniciativa não poderia e nem deveria abarcar todas as experiências negras possíveis e que, certamente, nomes importantes e fundamentais estiveram de fora dessa primeira temporada de mesas que pro-

movemos. O que temos aqui é uma parcela importante, ainda que pequena, mas muito significativa, de um desejo de expressar nosso direito à memória, à vida e à dignidade.

SayAdinkra em um dos seus poemas alerta “o silêncio faz um barulho imenso!”. E o que dizer diante do tanto a ser dito? Nós entendemos que nem tudo poderia ser contemplado por uma única edição do projeto, aceitamos os limites e chegamos em algumas temáticas norteadoras das nossas mesas-vídeos, são elas: 1) População Negra e Políticas Públicas; 2) Histórias de Feira de Santana Narradas por Pessoas Negras; 3) Festividades e Figuras Históricas Negras e; 4) A população Negra é Diversa. Mas reafirmamos que aqui consta apenas uma parte das experiências, das vozes, dos rostos e dos nomes da população negra de Feira de Santana.

Homenageamos, neste projeto, Ivannide Santa Bárbara, Lucas da Feira, Dona Ana da Maniçoba e Jean Marques, dando nome às mesas de discussão. Pessoas negras de nossa cidade que, apesar da importância, recebem ainda pouco destaque em relação ao que deveriam receber em decorrência dos enormes serviços prestados para conferir dignidade à população feirense. Neste livro, vocês terão acesso a um pouco da biografia, das contribuições e relevância destas pessoas.

Na mesa Ivannide Santa Bárbara, foi possível perceber que como um esquema de políticas públicas voltadas para o povo negro feirense se faz necessário

na cidade. Vimos através das contribuições da professora Edna Araújo como a saúde da população negra local carece de atenção especial já que os impactos do racismo nessa âmbito resultam em carência para essa parcela da população; com a fala da professora Luana Rodrigues, percebemos como também existe uma carência de políticas voltadas para as crianças negras no que tange à construção das identidades através do acesso e reconhecimento da história da África e do seu povo; algo que também se confirmou nas contribuições do professor Josivaldo Pires (Bel Pires), que demonstrou que a negligência com as necessidades do povo negro é um traço histórico da sociedade brasileira em especial quando se observa o conseqüente silenciamento da trajetória de diversas mulheres negras na luta por direito e respeito para suas comunidades. Esta mesa contribuiu com relevância para um debate muito mais amplo sobre as condições de vida da população negra local a partir de perspectivas diferentes, mas complementares, de pessoas negras que se dedicam a viver e lutar para construir suas vidas nessa cidade, assim como cumpre o papel de combater o silenciamento e a negação das pessoas negras e de suas contribuições para a construção da cidade.

As discussões realizadas na mesa Lucas da Feira mostraram que a luta da população negra se faz nos mais diversos espaços e se tocam a partir de memórias compartilhadas sobre o viver em Feira de Santana. Seja nas lutas por terra, na construção de narrativas sobre a cidade e suas personagens a partir, desta vez,

do nosso olhar, a população negra continua resistindo e construindo alternativas para a luta contra o racismo em nossa cidade. O espaço foi construído pelo líder quilombola da Comunidade da Lagoa Grande Mestre Caciano Silva, pela professora e transgênera Flávia Santana e pelo roteirista de HQ Marcelo Oliveira.

Na terceira mesa, Dona Ana da Maniçoba, pudemos contar com a presença da nossa homenageada e do cantor Gilsam do Reggae, na qual foram compartilhadas suas trajetórias, experiências e contribuições para a cultura local. Tivemos o relato histórico de Dona Ana da Maniçoba, que nos trouxe um pouco de sua rica trajetória através da sua história na gastronomia e Gilsam do Reggae com sua música e trajetória igualmente inspiradora e rica. A partir desses dois relatos foi possível conhecer mais sobre a cultura tão vasta e diversa da população negra, mas também refletir sobre os dilemas e desafios enfrentados na construção e retomada de nossa cultura ancestral.

Finalizamos com a mesa Jean Marques. Nesse vídeo, é possível entender um pouco sobre a diversidade dentro da população negra e como essa diversidade influencia nas diferenciações das experiências racistas ao mesmo tempo que o racismo nos nega a individualidade. Foi realizada ainda uma discussão sobre o vínculo com a cidade e como, muitas vezes, sair de Feira de Santana é a alternativa para tentar garantir a existência. Espaço construído a partir do compartilhamento da poeta marginal Ellen Oliveira, da filósofa Laila Geovana Beirão e do professor e tran-

ativista Bruno Santana.

O e-book *Feira de Santana Negra* tem como objetivo materializar a memória do evento, mas também a memória cultural da cidade, promovendo a prática de uma política afirmativa concreta, pois, além do exposto, todas as pessoas envolvidas no projeto são negras. Este material servirá de documentação dos temas que serão discutidos e irá se transformar, assim, em recurso didático, de pesquisa e consulta. Embora o projeto seja destinado majoritariamente às pessoas negras, a discussão e formação realizada no mesmo é de interesse geral da população. Pensando nisso, todos os materiais do nosso projeto estão disponíveis gratuitamente. As mesas estão no nosso canal do YouTube, assim como o e-book *Feira de Santana Negra* que está disponível gratuitamente em nosso site.

Destacamos ainda que os vídeos e o e-book tiveram contribuições dos convidados e das convidadas a partir de formato livre e tem estrutura complementar, por isso convidamos vocês para assistirem aos vídeos além de realizar a leitura deste livro digital, podendo assim ter uma experiência completa do que foi a primeira edição do projeto *Feira de Santana Negra*. Sim, primeira edição! Ainda há muito a ser dito e esperamos dar continuidade a esse trabalho de memória, registro e compartilhamento.

As pessoas organizadoras.



IVANNIDE SANTA BÁRBARA é uma militante histórica da nossa cidade, Dona Ivannide é militante do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Foi homenageada e integra o *Coletivo Ivannide Santa Bárbara*. Constrói, ainda, a *Rede de Mulheres Negras da Bahia*, atuando em diversos espaços de luta em Feira de Santana.

**RACISMO,
DESIGUALDADES SOCIAIS
E POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE**

EDNA ARAÚJO

INTRODUÇÃO

O termo “raça” não tem um significado muito claro embora seja usado com frequência em pesquisas na área de saúde. Isso se deve à imprecisão ou polissemia do conceito de raça e etnia, além da inexistência de características que permitam definir de forma inquestionável a raça de uma pessoa, já que aspectos políticos, étnicos e sociais podem desempenhar papel crucial na sua definição. (COOPER, 1984; JONES, 1991; LOPES, 1997; MONTEIRO, 2001)

Desse modo, a suposição de que doenças são genéticas, porque elas ocorrem em pessoas de uma mesma família, pode, na realidade, estar refletindo apenas um ambiente e estilo de vida comuns mais do que uma influência genética. Nessa direção, estudos genéticos podem mostrar a importância de fatores ambientais e que estes têm mais influência sobre a saúde do que diferenças genéticas. (PEARCE et al, 2004)

As implicações de raça para a saúde da população negra são similares para os grupos que estão classificados na categoria “etnia”, que, no caso brasileiro, é representada pelos povos indígenas. A etnia é uma categoria definida como um constructo complexo que inclui biologia, história, prática e orientação cultural, linguagem, religião e estilo de vida. (PIERCE, 2004) Porém, apesar de a classificação étnico/racial brasileira não denominar os indígenas por seu fenótipo, mas sim por sua origem e tradições, a história brasileira mostra que os indígenas também foram escravizados e continuam sendo considerados pelos racistas como seres humanos inferiores. Esta visão racista estruturada na sociedade tem se refletido nas condições de vida e de saúde desta população.

A concepção que sustenta esse pensamento é o racismo - ideologia que atribui um significado social a determinados padrões de diversidades fenotípicas e/ou genéticas e que imputa ao grupo com padrões desviantes características negativas que justificam o tratamento desigual; ideologia de inferioridade que é usada para justificar tratamento desigual destinada a grupos definidos como inferiores, por indivíduos ou instituições sociais; pessoas sendo tratadas de forma desigual por causa de sua raça ou etnia.

O racismo traz em seu bojo outros conceitos e práticas que o alimenta como a discriminação definida como tratamento desigual de grupos definidos como inferior por indivíduos ou instituições. (WILLIAMS, 1999) O preconceito é também um termo que caracteriza uma prática que alimenta o racismo e outras práticas discriminatórias, já que se refere a uma ideia preconcebida, sem razão objetiva ou refletida, que psicologicamente acentua sentimentos e atitudes endereçadas a um grupo como um todo ou a uma pessoa por ser membro daquele grupo; desenvolvimento de crenças e atitudes negativas.

Esse conjunto de práticas que busca deslegitimar a condição isonômica dos seres humanos e de sua cidadania leva as pessoas/populações discriminadas a uma condição de vulnerabilidade definida como

[...] conjunto de aspectos individuais e coletivos relacionados ao grau e modo de exposição a uma dada situação e, de modo indissociável, ao maior ou menor acesso a recursos adequados para se proteger das consequências indesejáveis daquela situação [...] (LOPES, 2003, p. 12)

A situação de vulnerabilidade vivenciada por negros e indígenas tem origem no racismo que foi e continua sendo estruturado com o objetivo de marginalizar e excluir socioeconômica e culturalmente estas populações. Essa exclusão se revela na não criação e/ou implementação de políticas públicas que favoreçam a condição de cidadania e conseqüentemente de melhor condição de sobrevivência. Exemplo disso é a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) que foi criada pelo poder público federal devido à pressão de intelectuais negros e negros e dos movimentos sociais. Esta política tem amparo legal, já que foi aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde em 2006, oficializada pela Portaria MS/GM n 992 de 2009 e ratificada pelo Estatuto da Igualdade Racial, Lei n 12.288 de 20 de julho 2010 onde é definido em seu Art. 6 que: “[...] O direito à saúde da população negra será garantido pelo poder público mediante políticas universais, sociais e econômicas destinadas à redução do risco de doenças e de outros agravos [...]” (BRASIL, 2012, p. 11), mas a despeito de todos esses aparatos legais, esta política, até hoje, ainda não foi implementada.

Diante disso, é mais do que necessário que iniciativas como o projeto *Feira de Santana Negra* sejam propostos e executados para dar visibilidade às lutas e os problemas enfrentados pela população negra e outras populações vulnerabilizadas. Esse texto tem o objetivo de apresentar e discutir alguns aspectos do estado da arte sobre as implicações do racismo anti-negro para a saúde da população negra brasileira e o panorama das Políticas Públicas específicas para populações em situação de vulnerabilidade em Feira de Santana.

RAÇA/COR/ETNIA E DESIGUALDADES SOCIAIS

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) da Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é o segundo país do mundo onde há maior concentração de renda. O 1% mais rico detém 28,3%, ou seja, um terço de toda a renda do país, enquanto os 10% mais ricos detêm 41,9%. Esse é o resultado da exploração do homem pelo homem e também fator determinante para que tenhamos uma sociedade tão desigual. É essa falta de equidade na distribuição da renda do país que empurra mais de 12,3 milhões de pessoas para o que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denomina de aglomerados sub-normais, popularmente conhecidos como favelas, comunidades, grotas, baixadas, manguezais, encostas, igarapés, invasões, vilas, ressacas, mocambos ou palafitas, a depender da região e área ocupada. (ONU, 2015)

Essa desigualdade faz com que tenhamos 30 milhões de brasileiros que não têm saneamento básico, 13,5 milhões de miseráveis, que estão na faixa de extrema pobreza, grupo que sobrevive com 145 reais mensais e que segundo o IBGE vem crescendo desde 2015 e ainda que tenhamos segmento populacional cadastrado no Cadastro Único (CADUNICO) que têm renda mensal de R\$ 285,00, sendo 71% deste segmento, é representado por pretos e pardos. Para essas parcelas da população é difícil seguir a recomendação sanitária mais simples, como lavar as mãos frequentemente com água e sabão e a utilização do álcool em gel é um luxo inalcançável. Além de tudo isso, de acordo com os dados do estudo “Desigualdades sociais por cor ou raça” no Brasil do IBGE, em 2018, 47,3%

das pessoas ocupadas pretas ou pardas estavam em trabalhos informais.

Negros são as maiores vítimas de homicídios no Brasil. Segundo o Atlas da Violência (2017), 75,5% das pessoas assassinadas no país eram pretas ou pardas – o equivalente a 49.524 vítimas. A chance de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,5 vezes maior do que a de um jovem branco.

As mulheres negras são vítimas mais recorrentes de homicídios. Segundo o Atlas da Violência, a taxa de assassinatos de mulheres negras cresceu 29,9% de 2007 a 2017. No mesmo período, o índice de homicídio de mulheres não negras cresceu 4,5%.

Em 2017, negros eram a maioria entre as pessoas presas no Brasil (61,6% dos detidos no país eram pardos ou pretos. Os brancos representavam 34,38% dos presos segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Atualização, do Ministério da Justiça e Segurança Pública).

A taxa de analfabetismo entre negros de 15 anos ou mais diminuiu nos últimos anos – de 9,8% em 2016 para 9,1% em 2018. Ainda assim, é maior do que o dobro da taxa de analfabetismo entre brancos da mesma idade, que ficou em 3,9% no ano de 2019. (IBGE, 2019)

Ainda de acordo com o IBGE e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), na área da educação, os negros têm as maiores taxas de analfabetismo, a menor média de anos de estudo, correspondem a mais de 60% entre a população pobre e em torno de 70% da população extremamente pobre. O baixo nível de renda, tanto individual quanto domiciliar *per capita*, restringe as liberdades individuais e sociais dos sujeitos, fazendo com que todo o seu entorno seja de-

ficiente, desgastante e gerador de doença. Mais de 30 milhões de negros com renda de até 1/2 salário mínimo são potencialmente demandantes de serviços de assistência social e vivem, em sua maioria, em lugares com características indesejáveis de habitação. De acordo com o IPEA e o IBGE, são consideradas características indesejáveis: construção da habitação com material não durável; alta densidade; inadequação no sistema de saneamento e abastecimento de água; ausência de energia elétrica e coleta de lixo.

Entre as crianças nascidas vivas que são negras há quase duas vezes mais chances de serem filhas de meninas negras na faixa etária de 10 a 19 anos em comparação com as adolescentes brancas. As mulheres negras em geral estão mais sujeitas a agravos e condições que poderiam ser prevenidas e evitadas durante a gravidez e parto. As mulheres negras grávidas morrem mais de causas maternas que as brancas, a exemplo da hipertensão própria da gravidez, a proporção de mulheres negras que tiveram filhos com microcefalia devido a epidemia de Zika vírus a partir de outubro de 2015 foi maior do que entre as mulheres brancas.

Prematuridade e mortalidade infantil são piores para negros e indígenas. O risco de uma criança preta ou parda morrer antes dos cinco anos por causas infecciosas e parasitárias é 60% maior do que o de uma criança branca. Também o risco de morte por desnutrição apresenta diferenças alarmantes, sendo 90% maior entre crianças pretas e pardas que entre brancas.

Todas essas evidências sinalizam para a importância e necessidade de criação e implementação de Políticas Públicas para a população negra.

POLÍTICAS PÚBLICAS

As políticas públicas são importantes porque são tentativas de garantir o direito à cidadania e, conseqüentemente diminuir as iniquidades sociais. No tocante as populações em situação de vulnerabilidade, especialmente a população negra, que está sobrerrepresentada na população de rua, na população privada de liberdade, moradora de favela, carece de políticas públicas que contribuam para tirar a maior parte desse segmento da condição de exclusão social. A PNSIPN foi criada com essa perspectiva para a área da saúde, mas como já foi sinalizado, mesmo esta política estando amparado legalmente, de 2009 até aqui a PNSIPN, foi implementada somente de forma parcial e em pouquíssimos municípios.

Feira de Santana é um dos municípios brasileiros em que a PNSIPN ainda não foi implementada como é preconizado. As poucas iniciativas com vistas a ser uma ação em prol da população negra não estão funcionando. Por exemplo, o Conselho das Comunidades Negras e Indígenas está sem coordenação desde fevereiro de 2020, a Divisão da Igualdade Racial até o momento não tem representação e o Núcleo de Igualdade Racial tem tido ação burocrática. A Secretaria Municipal de Saúde tem vacinado as populações rurais quilombolas idosas, mas isto tem sido feito apenas nas comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP). As comunidades não certificadas ainda não foram contempladas com a vacina. Recentemente, foi criada uma secretaria de políticas para as mulheres cuja secretária é uma vereadora. As indicações políticas de cargos de chefia, sem a observância do perfil adequado para ocupação

desses cargos é outro aspecto que precisa ser debatido.

A única política pública destinada à população negra em Feira de Santana que tem funcionado, muitas vezes de forma precária, mas que tem contribuído razoavelmente com os seus usuários, é o Centro de Atenção à Pessoa com Doença Falciforme. Este serviço que agora funciona em novo endereço no bairro Ponto Central funcionou há algum tempo no Centro Social Urbano (CSU) e somente foi criado após muita pressão da Associação Feirense de Pessoas com Doença Falciforme (AFADFAL) e de pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdades em Saúde do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Terra e do Ambiente da Universidade Estadual de Feira de Santana (NUDES/PPGSC-UEFS). Foi no âmbito desses programas que foi realizada a primeira pesquisa em Feira de Santana sobre doença falciforme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, os políticos brasileiros desconhecem a realidade das populações em situação de vulnerabilidade ao baixarem decretos como a EC-95 que contingenciam o financiamento com despesas sociais e outro, de número 10530 de 26/10/2020, que autorizava a preparação de um modelo de privatização para Unidades Básicas de Saúde. Este último, devido a muita pressão social, está aparentemente suspenso.

A descontinuidade de políticas públicas ou a sua não implementação, como é o caso da PNSIPN, com certeza vem contribuindo para a maior vitimização justamente de quem tem menos condições de se defender da pandemia.

Atualmente, o descaso com a vida das populações negra e indígena se desvela de forma mais contundente quando o governo federal não se interessa em identificar adequadamente do ponto de vista étnico/racial os casos e óbitos devido à COVID 19, com o objetivo de mitigar os efeitos da pandemia sobre as populações em maior risco para a doença. Apesar do racismo ser considerado pela OMS como um determinante de iniquidades étnico/raciais em saúde, o monitoramento dos casos e óbitos segundo a raça/cor/etnia não tem sido feito nem divulgados adequadamente. Foi necessário a ABRASCO, a Coalizão Negra por Direitos e a Sociedade Brasileira de Médicas e Médicos de Família e Comunidade fazerem pressão ao Ministério da Saúde para que esses dados passassem a ser divulgados nos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde. Porém, isso tem sido feito de forma muito precária, já que há muita subnotificação e os dados divulgados segundo a raça/cor/etnia não levam em consideração outras variáveis importantes, para a análise dos casos, como idade, sexo, ocupação, local de moradia etc.

O conhecimento que temos obtido sobre os casos e óbitos de COVID-19 segundo raça/cor/etnia, por exemplo, vem ocorrendo pelas pesquisas realizadas por pesquisadores independentes que conseguem acesso a esses dados das formas mais variadas.

O governo brasileiro segue sem assumir a responsabilidade do manejo da pandemia junto às unidades da federação e municípios e, ao contrário do que seria esperado, tenta privatizar o nosso SUS, a única possibilidade que temos de assistência à população brasileira que não tem condição de pagar por um plano de saúde.

A negação da ciência e dos problemas sociais pelo governo federal coloca a população brasileira em situação de insegurança e a expõe de forma genocida a doenças e agravos, como é o descaso na obtenção de vacinas contra a COVID-19 para mitigar os casos e óbitos ocasionados pela segunda onda da pandemia, já que o nosso país não tem estrutura necessária tanto do ponto de vista da estrutura física e de equipamentos dos serviços de saúde como no tocante a recursos humanos.

Algumas entidades científicas da área da saúde têm buscado cumprir o seu papel ao trabalharem arduamente na elaboração e divulgação de planos de enfrentamento à pandemia e de fortalecimento do SUS, mas infelizmente as falas e ações do chefe maior da nação e de seus comandados perante a pandemia por COVID-19 parecem ser muito mais consonantes com um manejo baseado na necropolítica do que em evidências científicas que propiciem a defesa e o cuidado da vida de brasileiras e brasileiros, principalmente os segmentos que historicamente têm sido excluídos.

REFERÊNCIAS

COOPER, R. A. Note on the biologic concept of race and its application in epidemiologic reserach. American Heart Journal, v. 108, n.3, part.2, sep.1984.

IBGE. Desigualdades por cor ou raça no Brasil. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso: 28 fev. 2021.

JOSBORNE, N.G. The use of race in medical research. JAMA 1992; 267:275-9.

ONU. Relatório de desenvolvimento humano. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/relatorio-de-desenvolvimento-humano-do-pnud-destaca-altos-indices-de-desigualdade-no-brasil/>. Acesso: 15 fev. 2021.

PEARCE, N. et al. Genetics, race, ethnicity and health. BMJ, Volume-328, 1 May 2004.

**TESTEMUNHOS LITERÁRIOS
E CULTURAS NEGRAS: POR UMA
POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO
DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA
EM FEIRA DE SANTANA¹**

JOSIVALDO PIRES DE OLIVEIRA

¹ Texto para exposição no Evento FEIRA DE SANTANA NEGRA, 08 DE FEVEREIRO DE 2021.

O romance e a literatura memorialista evidenciam a leitura ou reminiscência de determinados indivíduos sobre as experiências processadas no cotidiano das sociedades, registrando importantes aspectos a exemplo das práticas culturais e religiosas de matrizes africanas, denominadas afro-brasileiras. No caso de Feira de Santana, cidade do interior baiano, pode-se contar com uma importante produção literária evidenciando, por exemplo, a experiência dos candomblés e seus protagonistas que experimentaram em um determinado período uma política de repressão, que quase os extinguiu. Entretanto, os candomblés superaram o controle e a repressão e nada mais justo que reclamar por uma política de preservação da memória dos cultos afro-brasileiros e, por conseguinte, da memória afro-brasileira em Feira de Santana². Neste ensaio, procuro evidenciar a literatura feirense como um acervo de memória que possa subsidiar a elaboração de políticas de preservação. Para tal empreitada, me acompanha nesta rápida incursão, os escritores Juarez Bahia e Antônio do Lajedinho.

Juarez Bahia e os candomblés como personagem da ficção feirense

Durante o regime do Estado Novo (1937-1945), puderam-se registrar, em Feira de Santana, várias manifestações de resistência política. Algumas se encontram

2 Por iniciativa do Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento de Comunidades Negras e Indígenas de Feira de Santana (Comdecni), foi publicado um Edital para o mapeamento dos terreiros de cultura afro-brasileiros em Feira de Santana, mas resultados concretos ainda não foram apresentados à comunidade feirense, por falta de uma política pública que subsidiasse esta iniciativa.

publicadas em rápidas notas nos periódicos locais, outras não escaparam à pena dos escritores que tinham a Princesa do Sertão como objeto de sua ficção. Neste sentido, ressalte-se o romance *Setembro na Feira*, de Juarez Bahia³.

A literatura, inclusive o romance histórico, tem sido mais frequentemente nas últimas décadas, apropriada pelos historiadores como material que possibilita múltiplas leituras sobre o universo cultural, valores sociais e experiências produzidas por homens e mulheres no tempo. Foi com idéias como estas que Antônio Celso Ferreira iniciou seu artigo sobre a literatura como fonte histórica no livro, de sugestivo título, *O historiador e suas fontes*⁴. A caracterização da literatura como testemunho das experiências humanas no tempo e nos espaço e, portanto, considerada importante fonte para o estudo da história de um dado período e de uma dada sociedade ou grupo social, se aplica ao romance histórico *Setembro na Feira* do escritor feirense Juarez Bahia⁵. As razões serão denunciadas

3 Benedito Juarez Bahia nasceu em Cachoeira, Bahia, 18 de novembro de 1930 e faleceu no Rio de Janeiro em janeiro de 1998. Depois de trabalhar como secretário de Arnold Ferreira da Silva, conhecido advogado em Feira de Santana, cuja família era proprietária do jornal *Folha do Norte*, onde ele iniciou seus passos no jornalismo. Dedicado escritor e amante das tipografias, foi para São Paulo e lá se consagrou importante intelectual, professor e jornalista de importantes veículos da imprensa paulista.

4 FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura: a fonte fecunda*. In: PINKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 61.

5 A abordagem da literatura como fonte histórica não é recente na historiografia ocidental. Remete-se a obra de autores que protagonizaram mudanças consideráveis de caráter teórico e metodológico da história, como foi o caso de Lucien Febvre que fazia parte de um conjunto de intelectuais que sugeriram, entre outras coisas, a ampliação das fontes his-

pelos personagens que compõem a obra através dos eventos históricos cristalizados na pena do referido escritor. Eu me conformarei com a sugestão de Robert Darnton: passarei do texto ao contexto, e voltarei ao primeiro na fé de abrir caminho através de um universo que desconheço apostando na interpretação de sua significação⁶. Vamos então à narrativa de alguns eventos de *Setembro na Feira*.

No início dos anos 1940, em torno de um palanque armado em frente à Usina de Algodão, localizada no Bairro da Queimadinha, depois de um insurreto discurso político conferido ao povo da Feira, os burburinhos informaram a presença da polícia. Tom Palanque, o autor das provocações públicas, teve que se apressar em se esconder da força policial que vinha em sua busca, assim como de qualquer outro considerado agitador político contrário ao Estado Novo de Vargas, na Princesa do Sertão. “Há um quarto aí, o único para esconder o senhor, Seu Tom, fica no lugar do diabo”⁷. Essas foram as palavras, daquela que daria esconderijo para o militante político, Mãe Nena, sacerdotisa do culto afro-brasileiro. É possível que ela estivesse se referindo ao quarto de Exu, entidade espiritual do panteão afro-brasileiro, sobre o qual Olga Gudolle Cacciatore afirma: “nos cultos de influência bantu, Exu é cada vez mais confundido com o Diabo dos cristãos, com uso de chifres, garfos, tridentes, lan-

tóricas incluindo a Literatura no novo repertório de fontes do historiador. Sobre Lucien Febvre e essas mudanças paradigmáticas da historiografia ver, entre outros, BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

⁶ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 5 edição. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 18.

⁷ Idem, p. 163.

ças, e até capas vermelhas e pretas e cartolas, como o Diabo é visto no Teatro⁸". Para além das estereotipações, Exu é uma entidade cultuada em casa separada, exatamente aonde Mãe Nena do Bode escondeu Tom Palanque.

Juarez Bahia fez referência ao universo afro-religioso em diferentes passagens de seu romance. Termos como "mãe-de-santo", "pai-de-santo", "terreiro" e os diferentes nomes de orixás e outras entidades do panteão afro-brasileiro são identificados durante toda a narrativa do autor. Esses personagens aparecem como participantes da vida política e das relações sociais estabelecidas no cotidiano da cidade, contextualizada nas décadas de 1930 e 1940, período de vigência do Estado Novo, regime político objeto de sua narrativa. (CANDIDO, 2000) Ilustrativo, do ponto de vista da representação das práticas do candomblé feirense, é o conflito que se caracteriza entre mães e pais-de-santo de reconhecido valor que dão visibilidade a este tema em Setembro na Feira. De um lado encontra-se a ialorixá Das Virgens, do terreiro localizado no Bairro da Queimadinha, "a antiga senhora nagô dos primeiros terreiros da Feira" (BAHIA, 1986, p. 156). Do outro lado, o pai-de-santo conhecido como Licinho da Jeremeira, de um terreiro localizado na Rua Nova, talvez o bairro que concentre atualmente o maior número de terreiros da Cidade⁹.

8 CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros. 3 edição revista. Rio de Janeiro: Forense, 1988, p. 118. Uma outra descrição também bastante esclarecedora sobre Exu encontra-se em LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004, p. 266-267.

9 Bem ao estilo de Jorge Amado, especialmente em obras como Jubiabá (1936) e Tenda dos Milagres (1969), Juarez Bahia se inspira em histórias e pessoas reais para construir seus personagens às vezes mantendo se-

Sobre Das Virgens, afirma o narrador:

Quando Das Virgens, ainda moça, vinha por aqui, ao Matadouro, apanhar miúdos com que enriquecer as honras a Oxum, seu deus, nenhum magarefe dispensava a sua benção, ela gozava de autoridade de Mãe na cena do sacrifício do boi e cada um dos homens se persignava ante Das Virgens, com a maior reverência. Quanto a Zeca de Ana, dedicava-lhe um carinho especial, religioso, a ela o pai de Adélia parecia um outro deus, o favorito dos terreiros, quem sabe Xangô, viril, aventureiro, ousado, suficientemente forte para cavalgar mil léguas, suficientemente amante para amar mil mulheres. E mais gostava de Zeca de Ana por este lhe chamar de mãe-vo-vó, uma forma de tratamento que só ele lhe dava lá na Queimadinha.¹⁰

O conjunto de informações deste trecho permitiria explorar várias questões sobre o universo afro-religioso no romance de Juarez Bahia. Entretanto, destaco apenas a legitimidade que gozava a personagem Das Virgens como mãe-de-santo do terreiro da Queimadinha.

Este era um privilégio que não escapava também ao gozo da personagem Nena do Bode, do Alto do Cruzeiro, mediações do Bairro da Rua Nova. Acredito que essa personagem foi inspirada na mãe-de-santo Helena do Bode. Essa ialorixá é considerada um dos mais importantes personagens populares da cidade. Seu terreiro era localizado no Bairro da Rua Nova

melhanças e aproximações nos nomes. Este pode ser o caso da personagem Mãe Nena do Bode como veremos adiante.

¹⁰ Idem, p. 71.

assim como o da personagem Mãe Nena do Bode. O apelido desta Mãe-de-santo veio por ela andar sempre acompanhada de um bode¹¹.

lalorixá Helena do Bode fiagrada pelas lentes do fotógrafo Antônio Magalhães em evento no antigo restaurante Carro de Boi, em 1972.



Fonte: Acervo Particular de Antônio Magalhães.

Segundo o narrador, Nena do Bode era “residente e domiciliada na Praça dos Irmãos Cordeiros, com seu candomblé de mais respeito, com suas práticas mais africanistas e o quarto escuro onde se concentra e diz falar com o diabo”. Quarto este que acolheu Tom Palanque quando fugia da polícia. Essas perso-

¹¹ Além da informação veiculada pelo texto do cordelista Franklin Maxado, esta é uma informação que tem origem na tradição oral local.

nagens fazem parte da ficção que narra, entre outras coisas, um interessante conflito de disputa simbólica na comunidade de terreiro de Feira de Santana, no período do qual trata o romance. Pois, Das Virgens faz referências positivas a Nena do Bode, ao tempo que investe contra o candomblé de Licinho da Jeremeira, afirmando, através da pena do narrador, “que não reconhece autoridade ao pai-de-santo que se veste de mulher, taca um charuto entre dentes e se deixa montar como montaria mansa, passiva. Dá mais crédito à gorda preta Mãe Nena, do Alto do Cruzeiro.” (Idem, idem) Essa afirmação não deixa um rastro de dúvida, de que o autor de *Setembro na Feira* homenageou a mãe-de-santo Helena do Bode com esta personagem. Basta comparar a narrativa que descreve a personagem com a foto da ialorixá.

Fica caracterizado assim um maior prestígio aos candomblés de mãe Das Virgens e Nena do Bode, identificadas pelo narrador como nagô: “com candomblé de mais respeito, com suas práticas mais africanistas”. Explicita Juarez Bahia, através de sua pena, a tese da “pureza nagô”. Denominada pelos estudiosos como “nagocentrismo”, esta tese atribui qualidades “superiores” aos candomblés denominados jeje-nagô, em detrimento de outras manifestações afro-religiosas consideradas menos nobres, inclusive entre os pesquisadores, como é o caso dos candomblés congo-angola, também conhecidos na Bahia como candomblés de caboclo. (REGINALDO, 2005, p. 163-164) O mito da “pureza nagô” é anunciado no final do século XIX se consolidando na década de 1930, tendo que aguardar a década de 1970 para que surgissem as primeiras críticas, consequentes nas novas abordagens das ciências sociais sobre as práticas afro-religiosas no Brasil.

O fato é que a tese da “pureza nagô” influenciou não apenas os intelectuais (como pode ser o caso de Juarez Bahia), mas também os adeptos das religiões afro-brasileiras.

A narrativa de Juarez Bahia revela aquilo que escapou a Rollie Poppino em seu clássico *Feira de Santana*, assim como extrapola os pés de páginas da historiografia feirense produzida até então. Sugere pistas, indícios da experiência histórica de indivíduos que tiveram como palco de ações o universo dos candomblés em Feira de Santana em meados do século XX. Essas experiências também não escaparam à narrativa memorialista de Antônio do Lajedinho, o qual registrou histórias de candomblés e curandeiros na Feira de “antigamente”.

Antônio do Lajedinho e as memórias de uma Feira Negra

Lajedinho é o pseudônimo de Antônio Moreira Ferreira, filho de Francisco Ferreira da Silva e Zilda Moreira Ferreira, tendo nascido em 1925, em Feira de Santana. (ALMEIDA, 2006, p. 183) Escritor, rábula e ex-combatente na Segunda Guerra Mundial, já publicou diversos trabalhos memorialísticos entre os quais *A Feira na década de 30* e *A Feira no século XX*. (LAJEDINHO, 2004; 2006)

Nesses trabalhos duas crônicas merecem destaque acerca de suas memórias sobre as práticas afro-brasileiras na Princesa do Sertão, a saber, respectivamente: *Os candomblés* e *Parteiras, rezadeiras e curandeiras*. (Idem, p. 94-95)

Em *Os candomblés*, o memorialista parte das lembranças sobre o poeta negro Aloísio Resende, para

registrar sua indignação com a repressão as práticas afro-religiosas de então, não poupando acusações. Investe contra a Igreja Católica, quando sugere que a origem da repressão pode estar relacionada à “Santa Inquisição, quando o Estado e a Igreja governavam juntos, e que considerava bruxaria tudo que não estivesse escrito na Bíblia, atravessou séculos essa discriminação”, sentencia o memorialista e ratifica: “principalmente contra as Religiões Africanas, trazidas pelos escravos”¹².

Na década de 1940, Lajedinho era um adolescente que não perdia por observar o cotidiano da cidade em que vivia, era um observador arguto das coisas da pequena urbe de Feira de Santana, não deixando assim de registrar a experiência da repressão aos candomblés locais, assim como outros elementos que caracterizavam conflitos sociais no cotidiano da cidade¹³.

O entendimento de Lajedinho acerca da repressão aos candomblés corrobora com os registros etnográficos legados por Nina Rodrigues, através dos quais se compreende que várias foram as tentativas que forçavam a substituição da crença religiosa do negro pela do branco, “justificando como verdadeira ação meritória todas as violências empregadas para convertê-los à fé cristã”. (RODRIGUES, 2005, p. 10)

Ainda na perspectiva de acusação da fé cristã, Lajedinho registrou em suas memórias que, em *Feira*

12 Idem.

13 Em depoimento, Lajedinho afirma que “havia uma distinção na cidade como todo na sociedade que existia na época como, por exemplo: acesso ao jornal, ao teatro, não tinha. (...). Os clubes eram três: 25 de Março, Vitória e Euterpe. Daí começou a distinção: 25 de março era a classe média; o Vitória mais alta; o Euterpe mais baixa. Depoimento de Antônio Lajedinho. Arquivo pessoal de Denílson Lima Santos.

de Santana dos anos 1930, os terreiros de candomblés ficavam longe do centro da cidade, mas não impedia a repressão policial:

Mas, de vez em quando, um católico corria a contar ao Delegado e no dia seguinte a polícia ia lá e trazia o Pae de Santo (sic) e as filhas, todos com mesas cheias de imagens, nas cabeças, atabaque, enfim tudo que encontrassem. E desfilavam por quase todas as ruas com a molecada vaiano. (LAJEDINHO, 2004, p. 95)

O que narrou Lajedinho no trecho acima não é por demais exagerado. As ações policiais que autuavam adeptos do candomblé expuseram muitos a situações de constrangimento, o que pode ser constatado na consulta aos autos criminais e depoimentos, não apenas em relação a Feira de Santana, mas também sobre cidades vizinhas como Salvador e Cachoeira. No caso da Princesa do Sertão poderemos compartilhar alguns exemplos nos capítulos subsequentes. As memórias de Lajedinho registram o que os processos criminais selecionados para esta pesquisa também apontam: a prisão de adeptos dos candomblés. Lajedinho não deixou, também, escapar de suas narrativas a experiência de notórias curadoras, como foi o caso de Mãe Filhinha na seção anterior.

A “rezadeira” mais conhecida e com tradição de pitonisa [adivinhação] infalível era a curandeira ou mãe-de-santo conhecida por mãe Filhinha. Residia em um pequeno povoado onde era a maior autoridade. Semanalmente dançavam o candomblé e periodicamente faziam uma festa em louvor a lansã, para onde convergiam todos os moradores da região. (Idem, p. 43-44)

A notoriedade de Mãe Filhinha parecia ser inquestionável. Ela ocupa destaque na narrativa memorialista de Antônio do Lajedinho, na condição de respeitável mãe-de-santo e curandeira. Infelizmente, até então encontrei poucas fontes sobre esta personagem do universo afro-brasileiro de Feira de Santana, mas foi possível identificar a localidade que seu terreiro estava instalado: Lagoa da Taboa, nas proximidades de São José, atual distrito de Maria Quitéria. Pelas poucas informações a que tive acesso, parecia ser esta uma sacerdotisa de grande respaldo na região. O caso de mãe Filhinha assim como de outros que escapam aos olhos do pesquisador e, portanto, à narrativa histórica das experiências afro-brasileiras em Feira de Santana, representa uma provocação para o desenvolvimento de estudos sobre a formação das comunidades negras rurais identificadas, hoje, em grande parte, como os distritos de Feira de Santana.

Considerações (in)conclusivas

A narrativa memorialista de Lajedinho e a ficção de Juarez Bahia representam escritos da literatura feirense contemporânea que, remetendo a um determinado período, sugerem pistas, indícios da experiência vivenciada por indivíduos no universo dos candomblés. Estas pistas tornaram possível o acesso a documentos que me permitiram, ainda que timidamente, narrar histórias de candomblés na Princesa do Sertão, entre finais dos anos 1930 e a década de 1960. Desta forma, literatura constitui importante acervo de memória sobre as culturas negras em Feira de Santana, a qual ainda se encontra sedenta por políticas públicas de preservação da memória afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Oscar Damião de. Dicionário da Feira de Santana. Feira de Santana: Santa Rita/Talentos, 2006.

BAHIA, Juarez. Setembro na Feira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BELLINI, Lúgia, SOUZA, Evergton Sales e SAMPAIO, Gabriela dos Reis (Orgs.). Formas de crer: ensaios de história religiosa do mundo luso-afró-brasileiro, séculos XIV-XXI. Salvador: Corrupio; Edufba, 2006.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de cultos afro-brasileiros. 3 edição revista. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 8 edição. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000.

DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. 5 edição. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

LAJEDINHO, Antônio do. A Feira na década de 30 – memórias. Feira de Santana: Edição do Autor, 2004.

_____. A Feira no século XX – memórias. Feira de Santana: Talentos, 2006.

LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MAXADO, Franklin. Helena do Bode, a mãe de santo dos feirenses. Feira de Santana: Edição do Autor, s/d

PINKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina (orgs.). O his-

torizador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

REGINALDO, Lucilene. Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. Tese de doutorado em História. Campinas: UNICAMP, 2005.

RODRIGUES, Nina. O animismo fetichista dos negros baianos. Salvador: P555 Edições, 2005.

**A TRADIÇÃO ORAL
AFRO-BRASILEIRA E SUA FORÇA**

LUANA OLIVEIRA

Foi no seio das minhas salas de aula, no Ensino Fundamental de escola pública, que comecei a me incomodar com o “não-falar” dos meus alunos, que os “seus silêncios” quando eram indagados ou provocados a, justamente, fazerem o contrário, tomavam conta deles. Então, as suas quietudes em se expressar e/ou dizer o que sentiam, o que achavam, fez-me pensar em um projeto de intervenção que incentivasse, por conta do mestrado profissional que acabara de me submeter e ser aprovada no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS - UEFS), e valorizasse o que eles tinham a dizer, oportunizando-os a utilizarem os recursos que a oralidade possui em seus cotidianos.

Pensei também em um gênero que despertasse essa vontade de “dizer” de si, do mundo. Lembrei-me que sempre que trabalhava com contos, e ao contar histórias desses contos e das tradições de meus avós, eles sempre tinham histórias para regar nossas aulas. Assim, a ideia foi tomando forma e transformou-se em um projeto que valorizasse e incentivasse as competências da oralidade, através da contação de histórias de contos de tradição oral, que, posteriormente, recortei em tradições afro-brasileiras. E fui pesquisar...

Pensando, então, na aproximação dos gêneros orais que possam ajudar a escola a promover o desenvolvimento da oralidade do alunado, surgiu então a ideia de desenvolver um trabalho com contos de tradição oral afro-brasileiros, que seriam capazes de promover o contato do estudante com a história de sua própria ancestralidade, e o conhecimento das vantagens em se trabalhar com a oralidade: interagir a partir da fala, tanto em situações formais quanto informais; expressar-se com segurança; entender que a comunicação também se dá por meio de gestos, olhares, e não somente pelo que é escrito ou falado.

Não parei por aí: a vontade de falar sobre os meus, aqueles que vieram antes de mim, começou a brotar com muito mais força. E, seguindo por essa perspectiva, e olhando para a História da África, tão rica em referências que dizem respeito a tradição oral, refietimos que por mais que se tente conhecer e se aprofundar na história e na alma dos povos africanos, de nada adiantará esse movimento, a menos que se fundamente e que se conheça a produção de conhecimento - que atravessou períodos históricos e que chegou até a modernidade - maior dos povos que possuem uma cultura fundada na oralidade, que é essa de se transmitir homem a homem os conhecimentos de sua gente, do seu mestre ao seu discípulo, dos mais velhos para os mais novos. Tal herança ainda não se perdeu e ainda se encontra na memória da última geração de grandes depositários, que ousamos dizer são a memória viva da África. (HAMPATÊ BÁ, 2009)

Entre as nações mais desenvolvidas, mais modernas, onde a escrita tem precedência e mais prestígio sobre a oralidade, onde o livro, o registro, constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita são povos sem cultura. Esse pré-conceito vem, justamente, do questionamento em saber se a oralidade, pode conceber a mesma dose de confiança que se dá à escrita em relação a fatos ocorridos no passado. No entanto, tendo o fato ocorrido, tanto o testemunho oral ou escrito não seriam passíveis de juízo, parcialidade ou de sentidos diferentes atribuídos pelo leitor/ouvinte? Não se trata, um ou outro, de testemunho de “gente”? Segundo Hampatê Bá (2009, p. 182),

[...] nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração [...] Além disto, próprios documentos escritos nem sempre se mantiveram livres de falsificações ou alterações, intencionais ou não, ao passarem sucessivamente pelas mãos dos copistas – fenômeno que originou, entre outras, as controvérsias sobre as "Sagradas Escrituras" [...].

A própria me respondia! O valor ao testemunho estaria então no próprio valor que o homem lhe atribui, e não da maneira como ele o faz. As tradições orais africanas estabelecem, assim, um forte vínculo com a Palavra, com o que é dito, e o que é dito vira laço, compromisso. Fato esse muito parecido com o que nossos avós e os avós deles tinham: o acordo feito, a Palavra "dada" bastava para se firmar casamentos, venda e compras de propriedades, títulos, para se combinar todo tipo de negócio. Com o passar dos anos, perde-se a força do que é apenas dito e dá-se lugar ao que é escrito.

Além da forte relação com o poder da Palavra, a tradição oral trabalha bastante com a memória. Diferente dos registros escritos, nos quais se pode recorrer sempre que necessário, a oralidade vai em busca do que se lembra do que se viu, e, principalmente, do que se ouviu, assim, os contadores de histórias, os anciãos, ou pessoas referências em uma comunidade desenvolvem papel importante nesse processo de transmissão de cultura, fatos etc. Por isso, meus alunos tiveram que voltar para as suas comunidades, os seus e as suas pretos(as) velhos(as), mais velhos e velhas.

E, pesquisando mais e mais essa cultura tão sábia, descobri mais e mais, e a turma também. A fala

é tão importante que chega a ser concebida como um dom de Deus. Hampatê Bá (2009) também menciona que a tradição bambara do Komo ensina que a Palavra, Kuma, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, MaaNgala, criador de todas as coisas. Ele é a síntese de tudo, receptáculo da Força suprema, que criou o Homem, Maa, ofertando-lhe de herança uma parte do poder criador divino, o dom da Mente e da Palavra. Dentro desse homem, Maa, essas forças começam a vibrar, vivificadas pela Palavra divina e num primeiro momento se tornam pensamento, depois tornam-se o som e, por último, a fala, que é, portanto, considerada como a materialização das vibrações dessas forças. Paul Zumthor, em seu livro *Introdução à poesia oral* (2010), também fala sobre o poder divino da voz: “O sopro da voz é criador [...] Na Bíblia, o sopro de Javé cria o universo como engendra Cristo.” (Idem, p. 10)

A partir, então, das tradições orais afro-brasileiras e da contação de histórias, inserimos no cotidiano de nossas aulas narrativas orais, em uma tentativa de provocar nos estudantes: reflexões, discussões, ouvir suas opiniões, buscando e desenvolvendo estratégias a respeito de suas aprendizagens e motivando-os quanto a sua criatividade e o seu potencial linguístico e de suas raízes.

Depois de onze anos na Educação Básica, trabalhando tanto na rede estadual quanto na rede municipal, ministrando aulas de Língua Portuguesa e tentando inserir momentos de Literatura nas aulas, percebi no gênero conto uma certa proximidade e simpatia dos alunos, principalmente quando eles são contados per si. Então, para desenvolver o projeto, optamos por este gênero – o conto de tradição oral e com histó-

rias africanas. Essa escolha não foi por acaso, por um lado desejamos que o estudante da educação básica se empodere de um discurso oral que permita que ele fale e defenda as suas ideias e aprenda a argumentar em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Por outro lado, desejamos também uma maior aproximação do nosso alunado com a sua ancestralidade, e, para isso, trabalhar com as histórias orais afro-brasileiras poderá promover ações desafiadoras que gerarão aprendizagens de língua materna importantes para a sua formação.

O projeto foi desenvolvido na cidade de Feira de Santana, no Colégio Estadual Ernesto Carneiro Ribeiro, situado no bairro Feira IV, numa classe de 8º ano do Ensino Fundamental II. O colégio tem porte especial e a capacidade de abrigar 600 alunos por turno, divididos em 16 salas. Atende a alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, além da Ensino Jovens e Adultos (EJA). A instituição, em questão, é uma escola que usufrui de credibilidade na comunidade escolar, e recebe um número significativo de alunos de bairros periféricos e pobres.

Ressalto que a comunidade escolar situa-se no sertão nordestino, conhecido por seus “causos” diversos e inusitados passados de geração a geração. Somando-se a essa cultura, a escola fica no coração da cidade de Feira de Santana, vizinho ao bairro de nome Rua Nova que apresenta uma tradição de música e festejos ligados ao movimento negro. No entanto, meus alunos, em sua maioria, oriundos dessas redondezas, não admiravam, nem tinham intimidade com a cultura negra, tão pouco com a cultura oral. Apresentavam muitas dificuldades quando eram solicitados a fazerem uso dessa competência e sempre sugerem

que, ao invés de falarem, apresentarem, eles possam escrever. Recordo-me das rodas de leitura que fazíamos eu e meus colegas, quando estudava na educação básica e tínhamos que preencher as fichas que o livro paradidático já dispunha – era dessa maneira que éramos avaliados e que o professor “entendia” que havíamos lido e compreendido.

Hoje, enquanto professora, depois de anos vivenciando os problemas recorrentes das aulas de Língua Portuguesa – como resistência à leitura ofertada, dificuldade em expressar suas ideias – decidi avaliar de uma maneira diferente: deixando que os meus estudantes escolhessem livremente o livro que mais lhes chamasse a atenção e sugeri que, ao final da leitura, eles pudessem contar a história do livro através do entendimento de cada um. Permiti que eles trouxessem seus exemplares porque fui solicitada por alguns deles, visto que a escola não dispunha de tantos livros que lhes fossem caros – e segui com o objetivo de ouvir, pelo menos, quatro histórias contadas por eles, sendo que a cada aula eu iniciava contando a minha. Os resultados foram muito bons, e até ao final do ano tínhamos pelo menos uma aula por semana com histórias, mas eles ainda apresentavam certa resistência, pois não tinham o hábito de falar para os colegas.

Nos últimos anos, muito se fala sobre a inserção de estudos da cultura afro-brasileira nas disciplinas regulares dos ensinos fundamentais e médios. Esse desejo, finalmente, foi “oficializado” com a alteração da lei 9.394/1996 para a Lei 10.639/2003, e, posteriormente, “[...] modificada pela Lei 11.645/2008, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e cultura

afro-brasileira e indígena' [...]". (BRASIL, 2008) Sendo assim, a necessidade de abordar temáticas referentes à África no ensino de todas as disciplinas do currículo da educação básica tornou-se ainda mais latente. A legislação passou a exigir que todas as disciplinas apresentassem contribuições que os africanos e afro-brasileiros trouxeram para a cultura.

Sabemos que os nossos educadores estão imersos nas teorias do ensino eurocêntricas, e tudo converge para isso: nossos livros didáticos são assim, nosso sistema sempre privilegiou a Europa. Ela sempre foi nosso modelo. E essa situação tende a permanecer, visto que não se tem mais interesse em adquirir competências para o fortalecimento da identidade afro-descendente.

Com a publicação MP 746/2016, os conteúdos de educação relacionado às questões étnico-raciais e de conhecimento de matriz africana nas instituições de ensino deixaram de ser obrigatórios, ou seja, a instituição de ensino pode optar por não mais discutir questões referentes à África e suas contribuições. Isto pode trazer impactos sociais, tais como já falamos, o "mito da democracia racial", e, quando se acredita nisso, as lutas e projetos para a igualdade nas relações e poderes cessam, o que faz com que as pessoas permaneçam no mesmo lugar e que reforcem velhos paradigmas presentes, há muito tempo, na cultura brasileira.

O governo, entretanto, utilizou como "desculpa" que, com a estruturação de uma nova política de educação através da MP, entendia-se que o ensino médio necessita de melhorias, e que essa MP atenderia às necessidades e anseios da sociedade brasileira. Logo, o conteúdo relacionado às matrizes africanas nesse momento não se faz necessário. O que nega toda a

construção histórica, cultural, musical, culinária etc., que o país teve com a vinda dos negros escravizados, e toda a luta que seus descendentes tiveram para tentar desconstruir preconceitos enraizados desde a época do Brasil Colônia. Mais uma vez, seus governantes “varrem pra debaixo do tapete” anos de exploração, e, com isso, as políticas de reparação. Um país que não tem memória, e, pior, que nega sua história, é um país fadado cometer os mesmos erros novamente.

Na prática, as escolas não terão mais obrigatoriedade de discutir com seus alunos questões ligadas à África, e todas as questões referentes aos problemas que o negro ainda enfrenta no Brasil. Serão várias oportunidades de discussão que nosso alunado, principalmente, de escola pública, que é majoritariamente negro deixarão de fazer. E é por isso, e por tantos outros motivos que fiz e faço questão de trazer assuntos ligados à nossa ancestralidade africana para as minhas salas de aula.

Assim, acredito também que seja papel da escola discutir a pluralidade do nosso patrimônio cultural, bem como tentar dirimir todo e qualquer resquício de preconceito ou discriminação que ele provoca por falta de conhecimento. E, é por toda a discussão e orientações, que não podemos deixar de trazer para as nossas aulas discussões sobre a África e suas contribuições. Precisamos fazer projetos, fomentar discussões, debates, dar luz a toda essa cultura, mesmo não sendo mais obrigatório. Nesse trabalho, por exemplo, a partir de contos afro-brasileiros que pretendemos lapidar a competência oral dos nossos alunos, nós pretendemos também desmistificar vários preconceitos presentes na sociedade, além de construir com eles um novo olhar sobre a África – não só o da misé-

ria, pobreza e fome, mas um olhar de riqueza cultural e beleza por eles ainda desconhecidos.

E, para fundamentar esse trabalho, a de inserir assuntos referentes à africanidade nas escolas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, divulgou uma pesquisa afirmando que o “Brasil é considerado o segundo maior país negro do mundo, com 96.795.294 habitantes que se declaram negros” (IBGE, 2010), e, se pensarmos que em 2010 havia aproximadamente 190 milhões de habitantes, podemos concluir, então, que quase a metade da população era de origem afrodescendente. Olhei, então, para a minha sala de aula, e observei a realidade da minha sala de aula, onde frequentam alunos, em sua maioria, negros e que não se enxergam como tal – além de não reconhecerem ou não identificarem traços da cultura africana em seus cotidianos, e, quando o fazem demonstram preconceito ou acham ser inferior a outras culturas – fortaleci, ainda mais, a ideia da utilização de contos africanos advindos de tradição oral como ferramenta para a formação de um sujeito que se empodera do discurso oral que “[...] pode ser descrito como pessoa apta a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro entretenimento [...]”. (AZEVEDO, 2010, p. 38)

Assim, através de mitos, contos, lendas e outras narrativas contadas, tivemos a oportunidade de cativar o aluno, de maneira divertida, curiosa, informativa e lúdica, e de despertar seu interesse por temas relevantes, que possam tratar, inclusive, sobre a compreensão da sua identidade, de quem são, de onde vêm e o porquê de ser tão importante discutir tais assun-

tos. O ato de ouvir contos oriundos da tradição de um povo, histórias que foram contadas e passadas através de gerações nos aproxima ainda mais de sua história, e, como descendemos desse povo, nos aproxima ainda mais da nossa própria história.



LUCAS DA FEIRA (Lucas Evangelista dos Santos) foi um homem negro escravizado que lutou e resistiu contra a escravidão. Lucas da Feira se tornou símbolo da luta do povo negro em diáspora da nossa cidade.

LUCAS DA VILA DE SANT'ANNA DA FEIRA - RESGATE DA MEMÓRIA DE FEIRA DE SANTANA¹

**MARCELO OLIVEIRA LIMA
IGOR ROSSONI**

¹ O presente artigo foi escrito em 2011 como um relato da experiência de criação da HQ e recebeu o XVIII Prêmio Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação – Expocom, conferido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. A HQ pode ser lida em www.marceloroteiros.com. O prof. Igor Rossoni foi o orientador deste trabalho.

Introdução

A cidade de Feira de Santana é a segunda mais populosa do estado da Bahia e a primeira em maior número de habitantes do interior nordestino. É conhecida por ser um entroncamento rodoviário importante – viajantes advindos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste precisam passar pela cidade para avançar para estados do Nordeste e para a capital da Bahia. Este caráter de entreposto e a proximidade com Salvador impulsionaram a economia da cidade, que hoje conta um importante e diversificado setor de comércio conhecido em toda região, além de serviços, indústrias e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – uma das instituições mais importantes para o interior da Bahia.

O fortalecimento econômico, no entanto, não esprou seu crescimento para outras áreas como segurança, igualdade social e, principalmente, cultura. Há décadas, Feira de Santana possuía fortes referências culturais representadas, dentre outras coisas, pelo seu folclore – onde se encontravam figuras como a burrinha e apresentação de cordelistas –, pelo Micareta de blocos de rua, as filarmônicas que eram uns dos orgulhos da cidade – e atraíam atenção nacional –, a presença do vaqueiro como representante do Sertão – de quem a cidade é considerada Princesa –, o samba da Quixabeira da Matinha, a procissão de Sant’Anna e seu Bando Anunciador, dentre outras manifestações e formas simbólicas. Estas configurações socioexpressivas de cultura entraram em decadência desde os anos 1980, quando a cidade iniciou sua modernização para se tornar o grande centro urbano que é hoje. O crescimento privilegiou a entrada de capital e pouco

foi realizado para manutenção das tradições e história da cidade.

As manifestações acima citadas se encontram da seguinte maneira, hoje: a) as figuras do folclore, antes encontradas com frequência nas feiras populares, não são mais vistas nestes locais. Foi instituída uma Caminhada do Folclore, uma vez ao ano, onde se concentra o que restou dessas expressões populares. Felizmente, a Caminhada conta com grupo fiel de adeptos – pequeno, se considerada a dimensão de 600 mil habitantes – e é um dos movimentos de resistência cultural da cidade; b) os cordelistas tornaram-se quase anônimos na cidade, perdendo muito do prestígio popular que possuíam. O reconhecimento a esses artistas vem, principalmente, do âmbito acadêmico, através de pesquisas recentes sobre a poética e imaginário populares; c) o tradicional Micareta, maior Carnaval fora de época do Brasil, sofreu o processo de entrada dos grandes blocos de *Axé Music* fazendo praticamente desaparecer a festa de rua nos bairros, mas tornando-a lucrativa para os artistas do momento e seus empresários; d) o vaqueiro é uma representação simbólica ainda muito cara no imaginário feirense, mas pouco trabalhada em projetos educativos, culturais e artísticos de formação (ou seja, em escolas, visando grande público; e) o samba de roda da cidade tornou-se famoso pela apropriação de artistas como Caetano Veloso e Carlinhos Brown, que regravaram canções como “Quixabeira” e as popularizaram. Os membros da Quixabeira da Matinha mal receberam valores de direitos autorais das gravadoras e tampouco são alvo de um projeto cultural de relevância por parte da prefeitura; f) das filarmônicas somente uma ainda é atuante, as demais acabaram num pro-

cesso de desintegração lento e visível – os prédios das associações, históricos, foram caindo aos pedaços e substituídos por lojas; g) ainda acontece a procissão de Nossa Senhora de Sant’Anna, que tem destaque em todo o Brasil, e o Bando Anunciador, que faz parte do evento, retornou à ativa recentemente.

Esse processo verificado com a volta do Bando Anunciador representa uma tendência de artistas e produtores independentes da cidade em retomar manifestações culturais e a memória oral feirense, com o apoio de instituições voltadas para cultura como o Centro Universitário de Cultura e Arte, a Fundação Cultural do Estado da Bahia e Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira. Dentre essas iniciativas, há esta aqui apresentada: contar por meio de quadrinhos a popular e não-ficcional história de Lucas Evangelista – o Lucas da Feira – escravo que liderou um bando de outros negros durante a primeira metade do século XIX na execução de crimes nos arredores da então Vila de Sant’Anna. A personagem histórica é bastante lembrada na cidade e protagoniza uma das narrativas mais importantes para a formação histórica e social da cidade. Apesar dessa relevância, não havia projetos de informação sobre Lucas da Feira em qualquer âmbito, o que levou os quadrinhistas Marcelo Lima e Marcos Franco à criação do projeto “Lucas da Feira em Quadrinhos”. O projeto passou por uma seleção do Ministério da Cultura (MinC) e o Banco do Nordeste (BNB), através do Edital de Microprojetos Culturais, sendo o primeiro selecionado² da cidade de Feira de Santana para receber apoio financeiro para

2 Para ver lista de aprovados:
http://ascomfuncceb.files.wordpress.com/2009/12/lista_total_de_projetos_selecionados-20091218.pdf

sua realização em 2010. O projeto previu a criação, distribuição e lançamento da HQ Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira, além de visitas a escolas.

A escolha da linguagem dos quadrinhos pra trabalhar com o tema veio, em primeiro lugar, porque os autores são roteiristas de HQs. Reforçou a vontade, o fato de ser cada vez mais frequente a criação de quadrinhos de não-ficção sobre temas históricos, dos quais podemos destacar Sertões – a Luta, A Balaia-da, Revolta dos Búzios e Chibata! Essa produção tem se fortalecido com a entrada desse tipo de produção para o Programa Nacional da Biblioteca Escolar, do Governo Federal, que se apoia nos quadrinhos como material didático de grande apelo infanto-juvenil. O PNBE compra tiragens grandes de livros que significam grande lucro para as editoras. Da nossa parte, procuramos fazer um quadrinho para adolescentes acima dos 14 anos, afinal, a história de Lucas da Feira é calcada em muitos momentos de violência e crueldade que não podem ser omitidos.

A produção do álbum de HQ Lucas da Feira de Sant'Anna, que foi dividido nas seguintes etapas: 1) pesquisa e roteiro; 2) ilustração; 3) produção editorial; 4) impressão e distribuição. Como se trata de uma história real, houve grande preocupação em manter fidelidade histórica na criação do roteiro e das ilustrações, pois o álbum deveria atender não somente ao interesse de leitores de HQs como professores e educadores, justificando o uso em salas de aula e projetos pedagógicos ligados à cultura e história feirenses.

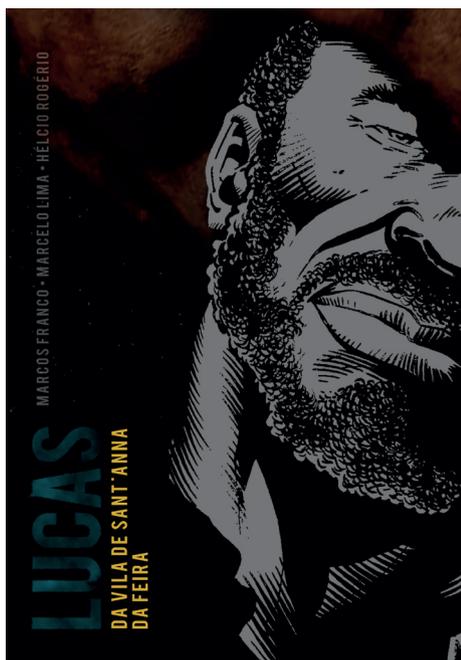
Quem foi Lucas da Feira? Até hoje não existem dados precisos que detalhem quem foi o negro que se rebelou contra a sociedade escravocrata em que viveu. Sabe-se que atuou

nos arredores da atual cidade de Feira de Santana, nos começos do século XIX, atacando tropeiros que iam ou vinham da Feira do Gado. Alguns dizem que fazia isso para depois repartir com outros negros e pobres, outros afirmam que nunca passou de um psicopata desumano. Longe de responder a essas questões, a obra *Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira* busca dialogar com diversas fontes, oficiais ou não, para mostrar uma história possível da personagem, suas motivações e assim rerepresentar esse mito histórico brasileiro para os leitores do século XXI.

A citação acima é a sinopse do produto apresentado neste *paper* e sinaliza para dois fatores importantes: há uma multiplicidade de narrativas sobre Lucas da Feira, ao mesmo tempo em que há escassez de pesquisas e documentos oficiais sobre sua existência. A maior parte do saber que circula sobre a personagem é advinda de histórias orais, contadas pelos mais velhos, e que possuem grande alcance na cidade de Feira de Santana.

Quando se pergunta “Você sabe quem foi Feira de Santana?” a um cidadão feirense, certamente ele dirá “sim”, mas talvez não saiba dizer mais que “foi um negro criminoso que tinha um bando” ou “era um negro que roubava dos ricos para dar aos pobres”.

Capa da HQ Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira.
Arte: Helcio Rogério e Caio Sà Telles



A discussão sobre quem foi Lucas da Feira esteve adormecida por algum tempo em Feira de Santana, durante a década de 1990, mas retornou na primeira década do século XXI devido a uma polêmica instaurada na Câmara de Vereadores da cidade. Um dos políticos desta casa, Marialvo Barreto, atendendo a uma demanda surgida na Comunidade da Pedra do Descanso. A comunidade, desejosa de homenagear o escravo, pediu que fosse erguido um busto no bairro onde se situa esta sociedade. Para o grupo Lucas foi um exemplo de negro aguerrido, que conseguiu escapar à escravidão, mesmo que por meios criminosos,

e por esta razão deve ser celebrado. A opinião sofreu resistência por grande parte dos vereadores, que argumenta que não se deve erguer monumentos em memória de homens que foram contra a lei, ainda mais com assassinatos e crimes cruéis dentre suas ações. O embate tomou espaço na Câmara e na *internet*, em *blogs* e *sites*³, e também na Universidade Estadual de Feira de Santana que realizou o I Ciclo de Debates – Ensino de História e Memória cujo tema central era Lucas da Feira e as polêmicas citadas.

Os embates ficaram na discussão, de cunho moral, sobre ter sido Lucas da Feira um bandido ou um herói, e o busto foi barrado. Em compensação, ainda longe da proposta da Comunidade Pedra do Descanso, o vereador Marialvo Barreto aprovou o Dia da Religião de Matriz Africana, comemorado no dia que se tem como registro de nascimento de Lucas – 18 de outubro de 1807.

Os criadores da HQ viram na discussão sobre o busto o momento ideal de produzir uma narrativa que servisse para reflexão para o assunto. A começar, se preocuparam em pesquisar a fundo a personagem e o contexto social histórico em que viveu, de modo que permitisse uma análise complexa de Lucas da Feira que passasse longe de posicionamentos moralizantes e distorcidos. Junto à pesquisa sobre a vida da per-

3 Alguns links:

<http://www.camarafeiradesantana.ba.gov.br/noticias/marialvo-barreto-defende-que-se-ergabusto-em-homenagem-a-lucas-23-10-07/>

<http://www.blogdafeira.com.br/noticia.php?id=9958>

<http://oliveiradimas.blogspot.com/2007/11/feira-pode-viver-sem-o-busto-de-lucas.html>

<http://oliveiradimas.blogspot.com/2007/11/por-que-busto-para-lucas.html>

sonagem, buscaram descobrir como sua história se perpetuou ao longo dos anos e sua representação foi construída.

Segundo defende o teórico Welson Luiz Pereira (2010), hoje em dia há uma gama muito grande de fontes históricas que podem ser utilizadas em pesquisa. Ao contrário do que era defendido pela História tradicional, considera-se a memória oral, a ficção e outros documentos não oficiais como dotados de importância histórica. Então, a pesquisa desenvolvida neste trabalho procurou todo tipo de fonte diferente.

Assim, justificou a elaboração deste produto a necessidade de colaborar com o debate sobre um personagem polarizador de narrativas orais e impressas que se relacionam fortemente com a cultura da cidade de Feira de Santana.

Caminhos da pesquisa: métodos e técnicas

O quadrinhista Marcos Franco coletava recortes de jornal, livros e memórias orais desde 1999 sobre Lucas da Feira e tinha diversos rascunhos de cenas para a história que desejava produzir. A parceria, em 2009, com o também roteirista Marcelo Lima logo trouxe à baila esses documentos que estavam guardados e sem expectativa de serem retomados. Este pesquisa inicial continha, dentre inúmeras outras coisas, data de nascimento e morte de Lucas; representações pictóricas da personagem encontradas em cordéis, pinturas e livros; entrevistas com o pesquisador Joaquim Gouveia da Gama; publicações de ficção, principalmente cordéis, e acadêmicas sobre Lucas da Feira e/ou descreviam a sociedade em que ele havia vivido.

O primeiro passo dado pelos criadores foi atualizar este material de pesquisa, aproveitando que os debates sobre Lucas estavam em foco. Foram então realizadas as seguintes entrevistas com pesquisadores e estudiosos: a) o cordelista e professor Franklin Maxado, autoridade reconhecida em História e cordel; b) o pesquisador e historiador Clóvis Ramaiana – um dos organizadores do Seminário realizado na UEFS; c) Augusto Monte, autor de trabalho sobre a representação de Lucas da Feira nos cordéis; d) Jairo Cedraz, arquiteto e estudioso da história de Feira de Santana, que possuía planos já abandonados para produção de uma HQ sobre Lucas da Feira; e) Marialvo Barreto, ve-reador e professor universitário, que realizou seu TCC no curso de Geografia analisando os ambientes utilizados por Lucas da Feira como esconderijo; e f) Jhonatas Monteiro, Mestre em História e também quadri-nhista. As entrevistas foram gravadas e anotadas em papel, além de serem fotografadas.

Houve consenso, por parte dos pesquisadores, de que eram necessárias ações de revalorização de Lucas da Feira, porque o contexto vivido pela personagem pesava mais do que seus atos criminosos. Aliás, é preciso repensar crime neste caso, uma vez que o destino do negro no começo século XIX era a escravidão e destituição do direito à humanidade. Não se pode considerar Lucas como um infrator a partir da vivência da Lei e da Democracia vivida contemporânea, pois ele vivia em outra formação discursiva e histórica. Segundo o professor Clóvis Ramaiana, a única maneira de um escravo conseguir sua liberdade simbólica era matando seu senhor, negando sua existência – o que coloca a violência como componente essencial de qualquer reação à escravidão.

Franklin Maxado e Augusto Monte explicaram a interpretação de Lucas como uma espécie de Robin Hood, que é uma construção recente, surgida nos anos 1960. À época em que atuou, o negro atacava tanto brancos quanto negros, sendo malvisto e temido de forma geral, principalmente pela população que não pertencia à elite, pois não tinham formas de se proteger – as milícias defendiam prioritariamente os ricos, que podiam contribuir financeiramente para o armamento e pagamento dessas forças. Os colaboradores de Lucas, que lhe auxiliavam trazendo informações e mercadorias da Vila de Sant’Anna da Feira, eram os únicos que recebiam pequenas recompensas em troca. Então, não haveria motivos para “heroicização” da personagem, não fosse a reinterpretação dada pelos cordelistas feirenses durante a ditadura militar. Maxado revelou que havia comprometimento político forte nos cordéis, mas não se podia colocar trechos antirrepressão. A saída foi apelar para alegorias: Lucas virou sinônimo do feirense que era alvo da ditadura e aparecia nos cordéis enfrentando o Bicho da Feira – outra figura cara à memória da cidade – que representava os militares. Assim, houve repopularização da personagem e abriu-se espaço para que se pensasse no contexto social vivido por Lucas e as agruras da escravidão – que antes não acontecia, sendo ele considerado até então como um “demônio”.

Ainda dentro do ambiente de pesquisa acadêmica, foram lidos, dentre outros, os seguintes livros: a) *Feira de Santana*, de Rollie Poppino – que dá um quadro de como era a paisagem geográfica da cidade, a sociedade e política de então; b) *Lucas Evangelista, O Lucas da Feira, estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana*, de Zélia Jesus de Lima – documento

importantíssimo que faz diversos pontos de encontro de documentos históricos e relatos, sugerindo uma narrativa possível da personagem e descrevendo com detalhes os membros do bando de Lucas da Feira; e *Lucas da Feira*, do renomado médico Nina Rodrigues, que faz uma análise craniana de Lucas, mostrando que este possuía formato de crânio típico dos grandes líderes. O livro de Poppino foi o mais importante para construção dos cenários presentes na HQ, além da fauna e flora. A partir das descrições do autor sobre a paisagem rural e urbana de Feira de Santana no século XIX foram feitas pesquisas fotográficas para guiar as ilustrações. O trabalho de Zélia Lima foi a maior influência, pois a autora possuía as mesmas intenções que os autores da HQ, ao tentar fazer um balanço histórico da personagem, sem tentar torná-lo herói ou vilão, mas contextualizar o momento em que viveu. Com orientação no trabalho da pesquisadora foi criado o visual das personagens, a escolha e o número de participantes do bando (há relatos em que se fala de quarenta, cinquenta membros, mas foram colocados bem menos, segundo defende a autora) e a inclusão de conluios entre Lucas e fazendeiros da época – o que ajuda também a diminuir a visão de Lucas como um vingador do povo negro.

Há poucos documentos oficiais sobre Lucas, alguns de difícil acesso. O mais importante, ao menos, é encontrado na *internet* com facilidade: se trata da transcrição do interrogatório do escravo.⁴ Nele há descrição física, relação de alguns de seus crimes e dados sobre sua origem, família, senhor, dentre outras infor-

4 Pode ser acessado aqui: http://www.feiradesantanna.com.br/livro_municipios.htm acesso em 15 de março de 2011

mações. Apesar de oficial, não se pode atestar que esta narrativa seja imparcial e objetiva, visto que foi escrita num tempo em que o racismo estava presente com naturalidade no imaginário do homem branco influencia a escrita do documento, como se pode ver nesse trecho: “Uma vez no goso daquela conquista de liberdade, a índole perversa do bandido entrou, desde logo, em cogitações diabólicas de que resultou a organização da celebre quadrilha de salteadores”.

Em termos de leitura de ficção, foram consultados diversos cordéis, destacando-se o ABC de Lucas. Considerado o registro mais importante sobre a personagem, foi o folheto que deu popularidade à versão mais difundida da história. Também foi lido Demônio Negro, de Sabino Campos, romance que mostra a violência exercida por Lucas e O bicho que chegou a Feira, de Muniz Sodré, que mostra a figura de Lucas da Feira sendo evocada como herói e representando dos negros feirenses.

Por fim, os autores viajaram pelo distrito de Maria Quitéria, visitando, mais especificamente, as comunidades de Venda Nova e Lizibia, para colher relatos orais. Como muitas das histórias já tinham sido vistas no trabalho de Zélia Lima e em cordéis, serviu, principalmente, para absorver a oralidade presente nas falas da HQ.

Pesquisa concluída, o roteiro foi escrito e passado para o ilustrador contratado, Helcio Rogério. A opção pelo P&B foi pra valorizar a arte do desenhista que tem trabalho focado no uso de sombreamentos. Todo o estágio de ilustração foi acompanhado pelos roteiristas de perto para que as referências visuais fossem fidedignas à época representada. Após o término, passou-se para diagramação do álbum, envio

para artistas que pudessem enviar críticas e impressões para publicação na quarta capa, impressão e lançamento.

Descrição do produto ou processo

O álbum *Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira* tem 48 páginas, formato 21X28cm. Os papéis utilizados seguiram uma escolha comum no meio editorial – couchê de gramatura mais pesada pra capa e off-set internamente. São 30 páginas com a HQ e demais páginas com elementos paratextuais. Entre esses elementos estão: a) uma seção com glossário e referências históricas, destinado a auxiliar os leitores a entender a linguagem utilizada na HQ; b) bibliografia e sites consultados que servem como validação da pesquisa desenvolvida e também uma sugestão para os leitores que desejem se aprofundar sobre Lucas da Feira; c) estudo das personagens, realizado por Helcio Rogério; d) ilustração de terceira capa de Adauto Silva, desenhista premiado no meio das HQs e e) bio dos autores. O plano dos autores era desenvolver uma narrativa muito maior, com mais de cem páginas, no entanto, houve um problema de ordem pragmática: o valor recebido pelo edital foi curto, podendo pagar somente trinta páginas de ilustração para o profissional que desenhou o álbum.⁵ Com essa limitação, os autores utilizaram o espaço que dispunham para narrar um pequeno conto que contivesse:

1 Informações visuais precisas sobre os espaços urbanos e rurais da cidade: as páginas 12, 17 e 35 são

⁵ Os autores estão finalizando outro roteiro sobre a personagem, já com mais de 90 páginas, e procurarão, futuramente, patrocinadores.

exemplos maiores desta preocupação, pois utilizam o recurso de mostrar a página inteira, em vista panorâmica, para deixar ver os tipos humanos, fauna e flora das estradas e cidades da época narrada;

2 Representação da oralidade: As falas foram trabalhadas com muito cuidado para resgatar o jeito sertanejo de falar e contrastar diferentes sujeitos sociais. O negro e os mercadores, por exemplo, têm fala muito mais informal que o branco. Para construção dos enunciados utilizamos a pesquisa feita no distrito de Maria Quitéria e leitura de documentos antigos e uso de dicionários específicos;

3 Apresentação de expressões culturais: Algumas expressões pouco conhecidas pelos feirenses como a burrinha na página 17 e os aboios da página 11 cumprem essa função;

4 Aspectos socioeconômicos e políticos: A vocação, hoje consolidada, para o comércio em Feira de Santana teve início com as feiras no Campo do Gado, devidamente representado na cena que vai das páginas 12 a 17 e que representa construções facilmente reconhecidas pelos feirenses, como a Igreja da Matriz. À época, a Vila de Sant'Anna da Feira não era emancipada, pertencendo à atual cidade de Cachoeira, fato mostrado na HQ.

5 Contexto da escravidão: das páginas 30 a 32, o flashback que mostra o passado de Lucas tem como objetivo justificar sua fuga e constituição de bando como resposta às violências sofridas enquanto criança. Diante dos maus tratos restam poucas opções de liberdade e sobrevivência, tornando-se o confronto uma necessidade em sua vida;

6 Conluio entre o bando de Lucas e a elite: um dos tópicos mais controversos e evitados é aquele que

faz referência à união de Lucas a negócios de homens brancos, como modo de ganhar a vida e proteção. Em Feira de Santana há certa desconfiança por parte da população da riqueza de alguns dos indivíduos “ilustres” da cidade. Em muitas narrativas orais há esse fato, do conluio, embora não se tenha isso em quaisquer documentos. Os pesquisadores se dividem quanto ao assunto, então se decidiu incluir uma passagem rápida na HQ. Assim também distancia Lucas da ideia de herói, aproximando-o a um ser humano em luta pela sobrevivência.

Considerações

O álbum *Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira* teve pré-lançamento no dia 17 de setembro de 2010, no Centro Universitário de Cultura e Arte, durante o evento Aberto 2010. O lançamento oficial foi na semana seguinte, no dia 24. Somados somente os dois eventos, mais de 200 exemplares foram vendidos e a recepção foi satisfatória, lotando o Museu de Arte Contemporânea para o lançamento.⁶ Os autores deram entrevistas para rádio, tevê e diversos jornais da Bahia e fora do estado. Escolas convidaram os criadores, onde houve doação de HQs (mais de 300 exemplares foram entregues sem qualquer custo) e foram realizadas palestras. Nacionalmente, o trabalho recebeu dois prêmios de “Melhor Álbum Independente” nos troféus Ângelo Agostini (promovido pela Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo) e Divisão de Artes Brasileira (promovido pelo Festival HQ de Sergi-

⁶ Fotos do evento: <http://www.vivafeira.com.br/nossagaleria/REVISTA-LUCASDAFEIRA> Acesso em: 15 mar. 2011.

pe). Infelizmente, não houve qualquer tipo de procura ou apoio da prefeitura da cidade ao projeto.

A reação dos moradores de Feira de Santana ao projeto demonstrou que ele atingiu seu objetivo. Muitas pessoas disseram estar “entendendo” pela primeira vez a história de Lucas da Feira, que conheciam de ouvir falar. Durante um fato ocorrido em uma das palestras, os autores compreenderam por que a história de Lucas tem tanta importância na memória da cidade – inclusive para além das apropriações ligadas à identidade negra e ao lado “herói” da personagem. Em uma das escolas, depois de falar um pouco sobre a história, os estudantes apontaram para um dos colegas afirmando que ele era Lucas da Feira. Perguntado o porquê, eles disseram que era porque ele arrumava mercadoria ilegalmente, do Paraguai, pra revender em Feira – uma analogia a Lucas roubando mercadores e repassando mais barato. O mercado informal é uma realidade forte em Feira de Santana, sendo a mola propulsora da economia da cidade, famosa por seu Feiraguai.⁷ Até mesmo grandes lojas da cidade possuem históricos de roubo de carga, mesma prática de Lucas da Feira em torno das grandes feiras que foram a semente do Centro atual da cidade. Em outras palavras, Lucas da Feira é um arquétipo que simboliza o feirense, vivendo às margens da lei (e muitas vezes contra) para sobreviver. “Enfim, enfim, isso aqui é terra de Lucas”.

7 Local onde se vende mercadorias contrabandeadas com valores muito inferiores ao resto do comércio. Dito popular utilizado para se referir à desonestidade dos moradores de Feira de Santana.

Referências

CAMPOS, Sabino de. Demônio negro. Bahia: Editora, 1957.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. ABC de Lucas. Disponível em: <http://www2.mshs.univpoitiers.fr/crla/contenidos/AV/FONDOS/FOLHETOS/Fol022.html>

LIMA, Zélia Jesus de. Lucas Evangelista: O Lucas da Feira/Estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana (Dissertação de Mestrado), Bahia, 1990.

MONTE, Augusto. Memórias da Feira sobre Lucas (Monografia de pós-graduação), Bahia, 2005.

PEREIRA, W.L. O uso da história em quadrinhos no ensino de história: “Will EISNER entra ou não entra na sala de aula?” História, imagem e narrativas. n. 10, abr./2010.

POPPINO, Rollie e. Feira de Santana. Bahia: Editora Itapuã, 1968.

RODRIGUES, Nina. Lucas da Feira. As colectividades anormaes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

**ONÃ: ENTRE ALINHAVOS,
TRANÇAS E PROSAS**

FLÁVIA SANTANA SANTOS

Essa escrita tem sua nascente falando sobre a escolha de “Onã” como palavra primeira que grafa essa página, ela foi simbolicamente escolhida por, etimologicamente, ser de origem yorubá e ter seu significado “caminho”. No culto a Orixá, “onã” é a qualidade de Exu - considerado Senhor dos Caminhos, aquele que vem primeiro, o que conduz os caminhantes. Entendo a palavra caminho como a de melhor encaixe para compor a tessitura desse texto, sobretudo porque caminhar é dinâmico e contém as mais diversas formas que se desenham como circulares, cíclicas, formadas pelo toque e encontros de vidas, de gente, cabeças, ideias, mundos.

As narrativas afetivas que me ajudaram a perceber meu ser no mundo moveu meu caminho para compor prosas que, significativamente, ao tecer páginas, falam de mim como espelhos refletindo histórias comuns nessa Feira de Santana - cidade de negrises, negruras, mandingas, gingas, becós e quebradas. “aquela que revela o sonho de minha alma, meu coração, de minha gente, minha semente... Preta Maria, Zé João”, como diz Gilberto Gil em sua canção “Refavela”¹.

Cito o Gil pois, para mim, ele sabiamente musicaliza os ritos das experiências negras, por falar em tom e melodia o que a gente sente, vive, aspira. A música negra tem seu enunciado coletivo, se põe como o prefácio das vidas protagonistas nos seus guetos e coadjuvantes, invisíveis nos espaços silenciados. A prosa que pude tecer, foi alinhavada com muitas memórias, todas elas, de negros e negras que passaram por mim

¹ Música que faz parte do álbum o qual leva seu mesmo nome e faz parte da Trilogia “Re”, lançada na década de 1970.

e, sobretudo, me ensinaram com gestos, posturas, pequenas “piegas”, ditados e cantigas as quais ouvi por muitas vezes seus os versos serem completados com o coro das vozes que ecoavam das ruas. Também me recordo e, muito bem, das “pantonias”² dos “menino”, as peripécias do fim de tarde entre pés cinzentos e peles suadas... ah! Esse ponto bordou o tecido da minha vida. Prosear se desenha na polissemia cotidiana do escrever, textualizar, mas inclusive, do conversar solto e fiuente nos papos de passeio, da parada de lei na esquina para acompanhar e rir com a piada contada, ou a resenha tirada do fundo do bolso.

Nas tramas das tranças e trançados dos encontros da vida, reescrevi e registrei, escrevi e criei na recriação fictícia da realidade, narrativas singulares e plurais que vestem a trama dos fios da memória. Nela tinha o cabível, entretanto o incabível permeava ali nas entrelinhas da narração. Pois contar a história de uma menina negra alfabetizada em busca de construir elementos para a escrita de um texto, foi, todavia, lembrar delas, aquelas que não passaram pela Escola, que não sentaram em seus bancos e não tiveram o toque do intervalo como marcador da pausa para comer uma merenda e bater a resenha gratuita e divertida no anti ou pós-almoço. Mas essas meninas, elas, nossas meninas e suas crespitudes, tiveram sua formação na empiria cotidiana fervente, aguada, às vezes, um espiral, outra vezes, curva sinuosa. Todas elas à margem da sistemática educação, buscaram elementos para suas narrativas, muitas vezes nos silenciamentos e apagamentos.

2 Seria a variação da palavra pantomimas que significa: representação dramática através de gestos e expressões corporais e faciais.

Corpos de desenhos recriados nos minimalismos das quebradas, nos ajuntamentos e clãs, das aprendizagens em grupo, nas disputas solitárias. Sempre “soubemos quem tramou e quem esteve conosco”, como Mano Brown bem cantarolava em “Nego Drama”. No bairro Rua Nova, eu fui vivente dessas encruzilhadas, tramei, teci... trançei e nas pausas das ruas alinhabei afetos ao meu peito. Hoje sou uma aprendiz, faca de corte inacabado, lâmina que escolhe onde deixa seu corte, rasgo que divide para se multiplicar. Minha narrativa é o exercício da consciência grata, beneficiada pelos ensinamentos que muitos e muitas em situações adversas, versadas e oralizadas, cantadas, ritmadas deixaram. Nem tudo aprendi, mas tudo eu signifiquei.

Como entendo que a vida tem suas ciclicidades, encerro essa breve contação citando um começo para poetizar o fim... “me tornei gente sentada ao pé da máquina de costura da minha Mãe, ela alinhavava histórias e tecidos nas tardes sem fim na sala de casa, estórias e histórias semeadas no meu imaginário que, afetivo, lembra e reconta tantas delas. Essa mulher preta, de lenço amarrado na cabeça como as de nação jeje, me ensinou a entender o meu lugar no mundo. Com suas aprendizagens, foi e é sendo que sempre será, uma mestra no mundo das vivências, Mainha me perguntava todas as noites se eu já tinha feito a tarefa da Escola, e eu entendia aquela pergunta como chamamento para cumprir seu compromisso como mulher e mãe a formar sua criatura. Aquele fiar das linhas nas agulhas aprimoraram minha coordenação motora, assim como as tranças nagôs ensinadas por Jamile, minha amiga-irmã. Tive minhas primeiras lições sobre o mundo com mulheres, hoje não cabe

mais numeral para enumerar as lições, mas cabe palavras para registrar que se hoje posso escrever, como diz Conceição Evaristo, é graças ao fiar, o ouvir, o cortar e tecer e alinhar dos caminhos proseados, caminhados e vividos nessa Feira de Santana negra, de fala altiva, suor no rosto, exusíaca, efervescente e cantante, nascida da margem-útero das mulheres negras.”

**TRAJETÓRIA DE LUTA
NA EMANCIPAÇÃO NEGRA
E QUILOMBOLÁ: MESTRE CACIANO**

**ENTREVISTA CONCEDIDA
A RODRIGO BORGES**

Mestre Caciano, conte-nos um pouco mais sobre suas experiências de luta nas décadas de 70 e 80, nos tempos da ditadura.

Mestre Caciano - Pois é, professor Rodrigo, na década de 70 e 80 foi começo da nossa caminhada n trabalho de comunidade já entrando na luta sindical, tá certo. A nossa associação aqui foi fundada em abril de 71 e foi registrada em setembro abril de 73. Só dois anos depois que podia registrar, então vou começar dessa década de 70 aonde nós começamos a se organizar como sindicato. Aí o que aconteceu, em 71 a gente já conseguiu afiliar um bom número de pessoas no nosso sindicato dos trabalhadores rurais. Descobrimos, já tínhamos descoberto o sindicato e aí tivemos que se afiliar ao sindicato porque já estávamos enfrentando um problema de grilagem de terra. 71, 72, 73 esses três anos aí foi ano de correr atrás, de conhecer um pouco da experiência do sindicato, conhecer a federação que nós tínhamos, conhecer a SESI em Salvador, entidade de apoio, o MOC, né. Então tudo isso foi coisas que nos ajudou a gente se organizar de 71 a 73. Quando foi em 73 nós já fomos chamados a ser expulsos das terras aqui com a grilagem, fazenda Candeal, abrangiu distrito de Maria Quitéria, não era Matinha o distrito, era tudo Maria Quitéria ali. Aí nós fomos organizar as famílias da gente ali e o levantar o número de pessoas que nós via no sindicato dando queixa do problema que o fazendeiro queria botar gado na roça estragando, comprando duas, três tarefas de terra ali, pensar que não botava gado dentro, a cerca fraca torava a cerca comia a roça dos outros, pessoal tinha medo de enfrentar briga porque era rico aí tinha que sair, vender a terra barata... tudo isso aí foi a luta de 70 a 73.

74 a gente já começou auxiliar muita gente no sindicato e aí os fazendeiro, na fazenda Candeval vão botar 120 família para fora da fazenda, imagine? Pessoas... e aí quando nós começou a mexer com isso, a gente começou já a ver discriminação contra os pobre. Não tinha terra, a terra era do dono, o dono só teve duas tarefas para trabalhar em cima de 10. Tudo isso foi uma forma de se organizar. 75 freveu e em 76 assas-sinaram um parente da gente. Aí a gente enfrentou o sindicato. A primeira manifestação que os trabalhadores rurais fizeram em Feira de Santana foi em 76, com a morte do meu primo. A gente fez uma passeata em Feira com caixão. Botamo o caixão na porta do pai do fazendeiro e aí a gente começou a se organizar. 76 a 78, meu irmão, foi a maior luta para nós, em termos de organização e retomar o sindicato. Em 79 nós já tava entrando na diretoria do sindicato dos trabalhadores rurais. Daí não tô falando da comunidade da Lagoa Grande, tô falando do município de Feira de Santana. Nós já no sindicato, tentando retomar o sindicato. Descobrimos que o sindicato era filho de fazendeiro que tava lá dentro, não tinha trabalhadores rurais, só tinha dois trabalhadores rurais. Aí em 79 nós renovou o sindicato já botamo a diretoria, composta por um presidente. E aí nós foi conseguir se organizar nessa luta sindical. Muitas famílias não acompanhava nós porque a maioria dos fazendeiros dizia que era os comunistas que tava chegando, que tinha chegado na comunidade de São José e que tava retomando, tentando tomar. A maioria de pessoas trabalhadoras rurais tinha ligado, cabestrado ao fazendeiro não queria conta com a gente, não queria ver nós na comunidade da gente aqui de Lagoa Grande a maioria dos pessoal mais velho que os fazendeiros, não era fazendeiro,

mas os donos da terra daqui do distrito, que tomava conta da terra de São José e passaram a ser donos da terras. Tiravam aquelas família que ela trabalhador deles pra não colar com a gente, que a gente era comunista e que acabar com a família deles. Aí foi a separação dos ricos, dos grileiros e daquelas pessoas que taxavam nós de comunistas pra tirar a gente da igreja. Dentro da própria igreja a gente já era discriminado e esse pessoal também tomava conta da igreja dentro de São José. Então essa foi a primeira luta nossa de 71 a 80. 79 chegamos no sindicato e aí as coisas começaram a mudar.

O segundo passo foi nós já no sindicato e começar a se organizar, aí agora começar as estruturas que nós tinha necessidade. A Pastoral da terra, a CPT foi que aí a gente já se reforçou mais já estando no sindicato. O bispo daqui não concordava em trabalhar com a CPT criou a pastoral Rural aí nós foi para dentro criar a pastoral rural e o MOC. Aí já foi pastoral rural e MOC já foi nos assessorar. Aí nós já fomos descobrir a SESI, já sabia das SESI corremos atrás da SESI, em Salvador, para nos dar apoio. E aí foi onde a gente foi descobrindo outras entidades aí tinha no IBDA o pessoal que trabalhava na área técnica, aí encontrou Ivannide Santa Bárbara e outras pessoas. Aí foi dando força a nós já. Mostrando que nós, negros discriminados, precisávamos conhecer outras lutas. Aí começamos a se articular com a gente é Alagoinhas com a região de Senhor do Bonfim que era Dom José Rodrigues, com a região de Itaberaba, que era o pessoal da CPT mais forte, Senhor do Bonfim, Itaberaba e aí Juazeiro da Bahia, Paulo Afonso. Aí nós se articulou com esse grupo de trabalhadores e avançamos na luta sindical. E aí enfrentar fetag e aí já foi uma luta já

acima da luta comunitária, a luta sindical a nível do Estado da Bahia. Aí fomos conhecer toda a luta, foi aí que conheci os quilombolas, da região de Senhor do Bonfim. Teve um deputado estadual chamado Alcides Modesto. Foi a nossa fonte de renda a nível de conhecer os quilombolas e as lutas armadas que tinha na região e aí a gente conheceu o que era a grilagem. 82 eu já virei tesoureiro do sindicato. Fundamos a APAEB e fundamos outras organizações junto a CUT, o departamento estadual da CUT.

A questão dos negros, quando a gente foi ver, todas lutas da grilagem em cima só negro, só negro e pobre, negro e pobre. E aí nós foi conhecer, através da SESI, através da CPT porque nós era pobre e o cuidado que nós precisava ter da grilagem da terra. Aí nós fomos levantar região ali do Senhor do Bonfim aqui, a região de Cansanção, Monte Santo e conhecer essas áreas de terra devoluta e os Gerais, no oeste da Bahia. Então, passamos a entender toda essa experiência até 81. Aí fomos fazer o primeiro novembro negro, a comemoração 20 de novembro. E aí nós fez um jogo de futebol aqui com Ivanide Santa Bárbara, com Leon Vanderley um grupo de gente. Aí a gente conversando com esses negros, com essa negritude e aí veio a fundação do MNU. Aí que eu passei a tomar conta mais da organização da negritude porque a gente negra era tão discriminada? Então eu fui conhecer essa parte aí e chegamos na questão dos quilombolas e avançamos. 85-88 eu fui presidente do sindicato. Aí fui conhecer a luta da questão da reforma agrária. Fui para Santarém no Pará, fui pra várias experiências de reforma agrária fazer ocupação de terras já fui me preparando para quando entregar o sindicato, que aí meu mandato de presidente, eu já

não deveria mais ser diretor de sindicato, sabe como é. Passar para outra turma, que já vinha preparando base, outras lideranças para ser diretor do sindicato e eu já fui pra questão do pólo sindical. De 81 a 82 foi a barragem Pedra do Cavalo. Em cima disso me ajudou chegar à presidência do sindicato. E aí nós foi para o enfrentamento da barragem Pedra do cavalo, não dá para contar aqui, foi só falando como história e depois a gente pode conversar melhor sobre isso, passar um pouco essas informação. Aí com a experiência da visita de Paulo Afonso, barragem Pedra do cavalo, visita do Pará, questão da reforma agrária, questão de matanças... Quanto ganhava um cara que matasse um padre, se matasse um advogado, matasse uma freira. Tudo isso eu descobri na região do Pará. E aí quando eu vim pra Bahia, em 85, eu já consegui ir para a presidência do sindicato com mais capacidade, com mais preparação para a gente poder enfrentar e, graças a Deus, enfrentamos e conseguimos assentamento. Nós temos um assentamento de reforma agrária aqui. Só nós com a igreja que conseguimos fazer assentamento em Biritinga. Chegamos a 120 famílias. Ficamos com 60, mas essa experiência eu tenho família minha lá, sobrinho, filho, primo, tio, nesse assentamento aonde a gente hoje tem uma experiência incrível na luta pela reforma agrária.

Sua trajetória sempre foi vinculada aos movimentos dos trabalhadores rurais. Hoje é reconhecido como grande líder quilombola da lagoa grande. Conte-nos um pouco sobre sua inserção, seus primeiros passos como militante quilombola e suas lutas na atualidade.

Mestre Caciano - A luta quilombola é outra experiência assim... simples e bem assim... a gente conheceu muito como quilombo, aí a gente foi se aprofundar mais. Os quilombolas era macumbeiro, pro pessoal não acompanhar. É coisa de macumba é coisa assim, coisa assado, sabe? Escondia os escravos que meus descendentes foram. Meu avô não chegou a ser escravo, mas veio ser aqui tomador de conta da propriedade do pessoal que era ligado a igreja, que era dono das terras, trazendo os parentes da Matinha pra cá, para dessa região e dentro disso aí, a gente aí agora foi descobrir o que é ser quilombola. As parentelas. Descobrir e aprender o que era, que até hoje não aprendemos tudo. Hoje, a gente já pode dizer assim, já temos a nossa comunidade que foi Matinha primeiro, Matinha não assumiu o assunto, Candeal não assumiu e Lagoa Grande saiu na frente como reconhecimento pela Fundação Palmares. E aí a gente pegou essa experiência de Lagoa Grande e foi avançando. Matinha conseguiu assumir, aceitar. Candeal hoje também é outra comunidade e Lagoa Grande, hoje, a gente tá criando um território. O que é ser o território Lagoa Grande? Em Lagoa Grande nós temos: Lagoa Grande, Lagoa da Camisa, Lagoa Suja, Fazenda Rumo, Fazenda Casa Nova, a sede do distrito Maria Quitéria... é um território, sete comunidade e tem sete ou oito associação e não falei da comunidade aqui do Boqueirão. Então nós temos umas oito associações nessa área. Agora eu tô ajudando essas associações a criar o território que já criamos de Lagoa Grande e aí já é uma abrangência de oito comunidades em torno da Lagoa Grande e nós estamos hoje se organizando em termos da revitalização da lagoa. Então, na questão quilombola nós tamo ajudando as comunidades, no município de Feira de

Santana, que são quilombolas, mas não assumiram a sua autonomia, a sua auto-declaração de quilombo e lutando com as lagoas que tãõ sendo cercada pelos grileiros e fazendeiros, cercando, querendo cercar, aterrando várias lagoas. A questão ambiental, a questão do meio ambiente, a questão de areal, loteamento de terras e revitalização das Lagoas. Então, nós tamo com a Lagoa Grande de São José, a lagoa quilombola, pra ser revitalizada a partir de março, abril a gente começa essa organização, acredito que você vão ter interesse de conhecer e Matinha com o tanque histórico de Matinha, com a lagoa salgada de Matinha, uma grande extensão de água também que se tinha que ta abandonado hoje. Então, como quilombola, nós tamo nesse processo. Já existe a comunidade quilombola, mas nós estamos na organização do crescimento do quilombar. Não só em São José, mas no município de Feira. Nós temos Bonfim, que tem áreas quilombolas, bastante, mas forte que em São José. Nós temos em Jaguará, comunidade forte quilombola como Morrinho e outro local lá de Jaguará que são quilombolas que foram abandonados e a sede da Matriz da escravidão, me esqueço até do nome de chamar, que ainda tá vivo. Vou ver se ainda esse ano a gente marca uma visita para conhecer lá em Jaguará, o local onde tinha, ainda tem, ta lá ainda marcado o local onde os negros era sacrificado, né, onde era tomado o castigo e até morto, né. Jaguará ainda tem essa sede. Nós vamos conhecer esse ano e quando eu for eu vou convidar vocês pra conhecer um pouco a história e de família. agora ainda tem essa série ainda nós vamos conhecer quando eu for vou convidar vocês para conhecer um pouco a história e de família que morou lá nessa

fazenda lá em Jaguará, ok? Um abraço. Era isso que eu tinha. O evento foi importantíssimo! Várias experiências que os professores colocaram fez parte do meu projeto de vida. O nosso trabalho quando nasceu na área rural, não foi só rural. Foi rural e urbano. A Rua Nova Cruzeiro, o Jardim Cruzeiro, Santo Antônio dos Prazeres, várias comunidades dessas que eu conheço da década 80.



ANA DA MANIÇOBA, Maria Beirão Jorge, tem 82 anos, é uma mulher negra, filósofa do respeito ao ser humano. Mãe genitora de dois filhos e mais dez filhas de criação. É empresária do ramo gastronômico e chefe da gastronomia, a ela pertence a legitimidade do prato mais tradicional da cidade, pois se Feira de Santana é conhecida pela maniçoba e foi ela, Ana da Maniçoba, que trabalhou e conquistou este título singular para a cidade. Uma mulher forte, de muita fibra e de respeito que transborda dignidade e amor por onde passa.

**“EU TENHO ORGULHO DE SER
NEGRA E SER A MULHER
QUE SOU”**

ANA DA MANIÇOBA

Eu tenho orgulho de ser negra e ser a mulher que sou, tenho um restaurante que tem 57 anos, eu o conquisei com muita luta, muito trabalho, tive dois filhos, Giovane e José Guilherme, criei mais dez filhas moças dos outros, todas formadas com todo meu orgulho, com todo meu trabalho.

Comecei com a maniçoba há 57 anos atrás, e muita gente passou a frequentar minha casa.

O pessoal perguntava:

- Pra onde você vai hoje?
- Nós vamos pra casa de Ana.
- Fazer o quê?
- Comer a maniçoba.

E assim começou a sociedade de Feira frequentando a minha casa para comer maniçoba. Pra mim foi um orgulho. Depois veio o Mercado de artes. Dr. Colbert queria que eu comprasse um espaço lá no Mercado de artes, eu falei que não queria porque eu já tinha o meu espaço na rua Tereza Cunha Santana, aí ele disse: “Você tem que ir porque em Salvador vai ficar Maria do São Pedro e em Feira de Santana, Ana da Maniçoba.” Então, comprei o meu espaço no Mercado de artes. Lá no Mercado, tive uma amiga maravilhosa, que foi Dona Luísa. Hoje eu tenho um restaurante no Mercado de artes e o outro com música ao vivo na rua Tereza Cunha Santana.

Todo lugar que chego eu sempre sou bem recebida. Eu era católica, e eu e Dona Marinete a esposa de Dr. Jorge Leal Decorávamos a Missa festiva de Senhora S’Antana a padroeira da cidade por vinte anos.

Eu estou aqui sempre de cabeça erguida trabalhando e indo à luta. Minhas netas, netos e filhos são bênçãos que Deus me deu.

Já recebi a comenda de Feira de Santana de Mérito Municipal. Recebi Homenagem de Antônio Baccelar o prêmio “Personalidade 2012”, recebi o “Prêmio Cidade 2007”. Recebi o “Troféu Maria Quitéria” no Mercado de Artes Popular. Recebi o troféu 6º encontro da Mulher Negra, recebi Homenagem do Shopping Iguatemi de Feira de Santana, onde fui muito bem recebida.

Todo lugar que eu vou tenho orgulho de apresentar Feira de Santana como cartão de visita lá fora. Tudo que tenho agradeço a Deus e abaixo de Deus a maniçoba. A rede Globo já veio três vezes fazer reportagens comigo a bandeirantes também. Então, para mim é um orgulho ser uma mulher negra e as pessoas reconhecerem o meu trabalho, eu só tenho que agradecer e desejo que o Espírito Santo dirija os passos de vocês e dê inteligência e sabedoria.

**GILSAM: O HUMANO,
O SER SOCIAL, O ARTISTA!
(O INÍCIO, A CONSTRUÇÃO
E O CAMINHO)
BIO E GRAFIA!**

GILSAM

Saudações Quilombolas!

Tecendo um pouco sobre a trajetória de Gilsam enquanto artista e como essa caminhada se constituiu.

O início

Ele tem por nome de batismo, Gilson Souza Santana, é natural de Feira de Santana, Bahia, e o começo dessa história se deu em meados de 1980, quando foi acometido de uma deficiência jogando futebol, pela primeira vez no estádio Joia da Princesa, em Feira de Santana, e enquanto se recuperava os momentos de reflexão o despertaram para a poesia, motivando a escrever, mas até então ele não dava muita atenção àqueles escritos, e muitos foram rasgados.

O tempo foi passando e a escrita peculiar já chamava a atenção da maioria das pessoas próximas que liam e sempre comentavam o interesse pelo conteúdo e o incentivo pela continuidade da produção, o que fez o escritor tomar um gosto cada vez maior pela escrita. E o próximo acontecimento natural foi o contato com o violão em encontros espontâneos com colegas e amigos da época que também iniciavam aventuras sonoras.

“Eu acho que eu toco um violão básico...” Disse Gilsam em uma entrevista....

A construção

E já convencido pelo seu primeiro “público”, o leitor, o artista procurou se aprofundar e começou a escrever cada vez mais. Logo, do contato com o violão e com a escrita intensa começaram a surgir as primeiras

letras, melodias e canções, inicialmente as músicas eram mais voltadas ao Regional, Baião, Xote e música romântica.

Um marco importante na caminhada artística de Gilsam foi a descoberta de novas possibilidades musicais, com a inserção dele no Afoxé Pomba de Malê, no ano de 1984, no bairro Rua Nova, onde começou a escrever Ijexá, e em contato com Jorge Angélica, Tonho Dionorina, Libú do Reggae, Raimundo Lélis entre outros artistas e com aparição de Bob Marley na TV o despertou de forma muito contundente sobre o poder que aquele movimento artístico emanava, foi quando Gilsam começou a fazer Reggae, por conta de entender o que o reggae traduzia para o terceiro mundo, para as comunidades, favelas, guetos, e para a população de uma forma geral. E esse olhar mais particular para o povo afro-brasileiro, fazer música pra um grupo social específico, no sentido de descolonizar esse pensamento no sentido de subverter essa ordem opressora e de levar mensagens de libertação, resistência, semeadura da paz, entendimento entre os povos e respeito à vida.

Ao longo desse tempo o ritmo produtivo de composições não pararam e atualmente Gilsam revela ter uma soma de mais de mil canções entre gravadas e inéditas. Um detalhe a se observar é o forte cunho pedagógico das letras, o que tem chamado à atenção de diversos profissionais da educação baiana motivando convites frequentes para apresentações nos ambientes de educação a fim de que as novas gerações possam conhecer, cantar e refletir sobre as mensagens, contudo, o cantor e compositor vem fazendo canções pensando também falando de amor e buscando uma humanização, enfatizando que o humano precisa se

humanizar, do ponto de vista de respeito ao outro a outra, de equidade social, e alerta que o mote da sua música é denunciar essa sociedade anunciando as irregularidades tão desiguais que existem nos espaços, ambientes e nas ruas.

O nome, a marca!



Gilsam no show de lançamento do álbum Semeadura no CUCA em 2011 / Foto: Emerson Azevedo

Hoje, Gilson Souza Santana, tem o nome artístico de “Gilsam”, “GilsamReggaeman do Brasil” ou “Gilsam Simplesmente Reggae”, e um período de caminhada de mais de 30 anos, fazendo música, compondo, se apresentando ao redor do Brasil e sendo gravado por artistas diversos da música local e estadual.

Um sonho!

No fazer artístico conjuntural há um sonho sendo construído simultaneamente à carreira que é o de que artistas de renome nacional também gravem ou regravem suas composições, escolhendo entre as conhecidas ou conhecendo as inéditas. Em entrevista à Rádio Anguera FM na Micareta de Feira de Santana do ano de 2019, Gilsam falou desse sonho citando a composição “Malungo” gravada no ano de 2019, e que a vislumbra ser gravada por Caetano Veloso, mas fala da dificuldade da música chegar até esse artista.

Gilsam falou também da música “Rainha” que tem o ritmo de samba-reggae, a qual vislumbra gravação por artistas como: Ilê Ayê, Olodum, Daniela Mercury, Saulo Fernandes. Outra composição destacada foi “Calabar Meu Salvador” que também poderia ser gravada por Saulo Fernandes, uma vez que, há uma afinidade na maneira de musicalizar as comunidades da capital baiana, tanto por Saulo, quanto por Gilsam. Mas qualquer artista que se identificar com uma canção ou quiser conhecer o que há de inédito pode entrar em contato através das redes sociais para estreitar os laços.

Entre as canções gravadas vale lembrar o destaque para a música “Garotos de Rua”, feita em parceria com o compositor Del, é faixa do primeiro álbum “Reggae para todos”, e na letra a retratação da situação de crianças e adolescentes que vivem em situação de rua, de risco e de vulnerabilidade social no Brasil. Gilsam mostra toda sua versatilidade musical e passeio pelas possibilidades de se construir e executar o gênero musical de raiz e resistência como: o reggae, o afoxé, o ijexá, o samba-reggae, o romântico e o espi-

ritual. As canções buscam refletir as questões raciais, sociais, além do amor e exaltação a de Jah Rastafari, e a ancestralidade de toda matriz africana, além de também retratar ícones da história feirense como “Lucas da Feira” e “George Américo”.

O Caminho

Como toda caminhada precisa do primeiro passo, Gil-sam caminhou por bandas e grupos até assumir uma identidade, um nome e uma marca.



Banda Esperança / Foto: Arquivo pessoal

A primeira experiência foi na Banda Esperança, a segunda na Banda Cancão de Fogo, a terceira foi uma passagem pela Banda Oasis no Estado de São Paulo (SP) e atualmente lidera a Banda Airiyê.



Banda Airiyêem show do Projeto Circula Beco em Tanquinho (BA)| Foto: Emerson Azevedo

A Banda Airiyê surge há mais de dez anos, a escolha desse nome não é à toa, uma vez que, tem origem na teologia jamaicana e o significado é “Vibração Positiva”. A Airiyê surge da necessidade de conectar o nome da banda ao estilo musical da música reggae. Que apresenta e oferece ao universo vibrações positivas, de emancipação, social, espiritual e humana.

“Identificamos que diante de um sistema cheio de problemas sociais, a gente precisava emanar essas vibrações positivas também no nome, com isso, ‘Airi-

yê” se propõe a um posicionamento social, o qual ao mesmo tempo que anuncia, denunciapropõe mudanças e transformações,” relatou Gilsam em publicação no site dele.



Capas dos álbuns de Gilsam e Banda Airiyê: Reggae para todos (2002); Tenda (2007); Semeadura (2011); Simplesmente Reggae (2014) / Fonte: arquivo pessoal

Na discografia tem o primeiro álbum intitulado “Reggae para todos”, o segundo álbum chama-se “Tenda”, o terceiro é fruto do Projeto “Trilogia do Reggae” álbum que leva o mesmo nome, o quarto “Semeadura” e o quinto “Simplesmente Reggae”.

Gilsam tem sido um nome de expressão forte

sempre requisitada em projetos e festivais por toda Bahia, tanto quanto em outras localidades do Brasil, a exemplo de Salvador (BA), Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP), e isso tem levado o nome do artista cada vez mais longe ultrapassando as fronteiras do Brasil, tendo músicas executadas em emissoras de rádio de Israel, Espanha e Portugal.



Trilogia do Reggae - Disco lançado e premiação no Troféu Oscar Folia 2010 / Foto: Emerson Azevedo

Para ilustrar a integração em projetos vale a pena registrar a participação de Gilsam no projeto Trilogia do Reggae, que foi composto por Gilsam, Jorge de Angélica e Tonho Dionorina, primeiramente seria apenas um show na UEFS, no dia 14 de novembro de 2009, e acabou caindo nas graças do público, da instituição e da Bahia, durando três anos de 2009 a 2012, período meteórico, mas suficiente para render um documentário premiado no III BAFF – Bahia Afro Film Festival, realizado na cidade de Cachoeira (BA), na categoria “melhor música”. Sendo em seguida selecionado para a 4ª Edição do Arraial Cine Fest Mostra

Curta Tudo realizado de 5 a 10 de dezembro de 2010, em Porto Seguro, Trancoso, BA.

A união rendeu também apresentações no Carnaval de Salvador em 2010, Micareta de Feira em 2010 sendo premiada no Troféu Oscar Folia da Revista Alternativa na categoria “Melhor atração feirense”

Trilogia do Reggae (2010, 49 min) : Documentário realizado pelos diretores Volney Menezes e Johny Guimarães, em parceria com a UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e fala sobre a cultura reggae na cidade de Feira, sobretudo nos bairros populares como Rua Nova e Campo Limpo. A abordagem se dá a partir de três diferentes personagens, Gilsam, Jorge de Angélica e Dionorina, relacionados com a musicalidade e a cultura do reggae, e traça um panorama do cotidiano dessas pessoas em suas comunidades e o impacto da música e da arte no cotidiano local.



Divulgação de alguns dos diversos eventos que Gilsam participou / Fonte: arquivo pessoal

Gilsam também integrou projetos, festivais, movimentos e demais ativismos culturais e artísticos que marcaram época como: Encontro do Dia da Mulher Negra de Feira de Santana, Bando Anunciador da Festa de Senhora Sant'anna, Festival Metropolitano Vozes da Terra de Feira de Santana, Micareta de Feira de Santana, Uma Noite Reggae, Música no Museu (Mac Feira), Feira do Livro (FLIFS), Circula Beco, Encontro dos Orixás, O Beco é Nosso (Beco da Energia), Bienal do Beco, Novembro Negro, Marcha Zumbi dos Palmares, Natal Encantado de Feira de Santana, Miss Afro de Feira de Santana (Música tema).

No ano de 2013 Gilsam foi conhecer um fã-clube montado em sua homenagem na cidade de Jequié (BA). No final do mês de maio o cantor, compositor e instrumentista Gilsam esteve na cidade de Jequié a 374 Kms de Salvador, para encontrar com fãs que há alguns meses aguardavam a presença do cantor na cidade e prestigiar um fã-clube que existe em homenagem ao trabalho do artista.



Nam do Reggae e Gilsam / Foto: Hely Pedreira

Gilsam conheceu o espaço montado em homenagem a ele pelo fã 'Nam do Reggae' e interagiu com fãs que emocionados com a presença de Gilsam se concentraram no "Bar Cultura Reggae", numa manhã e tarde de autógrafos na qual levaram CDs, conversaram, tiraram fotos e compartilharam momentos de muito som e alegria, com resultados muito positivos de acordo com o cantor. "Fui surpreendido pelo fã clube que tinha todo material, CDs e tal. Choraram emocionados com a minha presença, foi um momento muito importante na minha carreira, e eu espero retribuí-los sempre em forma de canção e desse contato direto," expressou Gilsam emocionado.

Há um vasto material composto por diversos vídeos do artista na rede social de vídeos [youtube.com/gilsamcantor](https://www.youtube.com/gilsamcantor), como também em outros formatos no blog www.gilsam.blogspot.com, o qual tem todo registro de coberturas e sempre atualizadas com a vida e carreira do artista e da Banda Airiyê. Outros conteúdos exclusivos podem ser encontrados nos perfis do cantor no Twitter @gilsamoficial, no [facebook.com/gilsamoficial](https://www.facebook.com/gilsamoficial), no Instagram @gilsamoficial e no Linktree <https://linktr.ee/gilsamoficial>.

Família e juventude (por Gilsam)

"Éramos oito irmãos, 02 homens e 06 mulheres, mas infelizmente faleceram um irmão e duas irmãs, restando eu e mais quatro irmãs, hoje somos cinco, com isso eu me tornei o homem da família. Estudei na escola pública, Fabíola Vital, aqui no Campo Limpo, local onde minha mãe trabalhava fazendo serviços gerais, e eu também a ajudava na limpeza da escola.

Nesse ambiente escolar eu fui percebendo as desi-

gualdades sociais gritantes, percebendo uma escola excludente, uma educação que não incorporava valores afro-brasileiros.

Essa percepção me ajudou a pensar, e incluir esse conteúdo nas músicas expondo as questões étnico-raciais que são extremamente importantes para que a gente possa em algum momento vislumbrar uma sociedade menos injusta, quanto que é a conta que nós vivemos ao longo dos tempos.”, relatou Gilsam.

Para além dos palcos

Gilsam realiza palestra na Câmara Municipal de Feira de Santana em comemoração ao Dia da Beleza Negra



Lourdes Santana, Gerusa Sampaio, Justiniano França, Gilsam e Roberto Tourinho / Foto: Ascom Câmara Municipal

A Câmara Municipal de Feira de Santana realizou sessão solene no dia 21 de setembro, com o objeti-

vo de comemorar o Dia Municipal da Beleza Negra. A data é registrada a cada dia 20 do mês de setembro. A sessão foi presidida pelo vereador Justiniano França (DEM), que compôs a mesa juntamente com a secretária municipal de Desenvolvimento Social e vereadora licenciada, Gerusa Sampaio; presidente da ONG Odungê, Lourdes Santana e o palestrante da noite, o educador, cantor e compositor Gilson Souza Santana, conhecido popularmente como Gilsam.

Inicialmente, Gilsam fez um resgate histórico a respeito do significado da palavra beleza para logo depois trazer à tona suas impressões sobre a forma como o termo é aplicado atualmente e a simbologia que ele possui junto às populações negras. O palestrante também destacou o fato da Câmara Municipal possibilitar discussões relativas ao preconceito racial a partir de sessões especiais e solenes e reafirmou a importância de uma participação mais ativa da sociedade em ocasiões dessa espécie.

A educação no país e a histórica discrepância de oportunidades por questões relativas a cor da pele também foi levantada durante a palestra. Gilsam posicionou-se a favor das cotas para afro descendentes no Brasil como forma de permitir que essa realidade seja transformada progressivamente. Em sua fala, o educador reafirmou a necessidade do envolvimento dos mais diversos setores da comunidade no sentido de proporcionar condições de aprendizagem e espaço no mercado de trabalho para todos, independente de qualquer aspecto racial. (Texto da Assessoria da Câmara Municipal de Feira de Santana, 2011)



Diário Oficial Eletrônico
Município de Feira de Santana

ANO II - EDIÇÃO 323 - DATA 18/09/2016

SECRETARIAS, AUTARQUIAS, OUTROS

PROCURADORIA GERAL DO MUNICÍPIO

**Ordem Municipal do Mérito de Feira de Santana
Estado da Bahia**

CRIDA PELO DECRETO MUNICIPAL Nº 8.972, DE 11 DE JULHO DE 2005.
RATIFICADA PELA LEI COMPLEMENTAR MUNICIPAL Nº 031, DE 15 DE SETEMBRO DE 2006.
ALTERADA PELO DECRETO NORMATIVO Nº 9.695, DE 28 DE AGOSTO DE 2015.

Extrato das Resoluções Editadas pelo Conselho da Ordem na Reunião, em 31 de agosto de 2016.

Admitidos para integrar a Ordem Municipal do Mérito no Ano de 2016.

NÚMERO	NOME	CLASSE
039/16	GILSON SCHULZ SANTANA	Cívica

Certifico que o extracto acima é a impressão da verdade.

Feira de Santana, 09 de setembro de 2016.

Cleudson Santos Almeida
Chefe de Gabinete

O DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA
garante a autenticidade dos seus conteúdos. Qualquer dúvida, consulte o site oficial
www.diariooficial.feirasantana.ba.gov.br

16

Gilsam recebe o título de honra ao mérito em Feira de Santana dia 18 de setembro de 2016, data do aniversário da cidade.

Fotos: Emerson Azevedo

Projeto Semeadura é destaque no livro “Tabuleiro da Maria”, da jornalista Madalena de Jesus.



Semeadura é destaque no livro “Tabuleiro da Maria” da jornalista Madalena de Jesus, em 2017. / Fonte: arquivo pessoal

O cantor, compositor e arte educador, Gilsam Reggaeman do Brasil e banda Airiyê, ganharam des-

taque na página 98 da publicação quando a jornalista falou da distribuição de alimentos à comunidade Três Riachos em Feira de Santana, arrecadados no lançamento do CD Semeadura.



Foto: Emerson Azevedo

Projeto de lançamento do CD Semeadura, ocorrido em 2011, sob a perspectiva da contrapartida social, uma vez que, a entrada do evento custou ao público apreciador um quilo de alimento não perecível, o qual contribuiu de maneira livre por entender a importância da divisão do pão com o próximo mais necessitado.

Todos os alimentos arrecadados foram doados à comunidade de Três Riachos, localizada às margens da BR 116 Sul.

O evento passou, a solidariedade continuou e o “Tabuleiro da Maria” nas páginas de um livro eternizou...



JEAN MARQUES, Jamilson Marques Vitória (1984-2020), foi um ator, produtor, professor de teatro, animador e ativista. Seus trabalhos mais marcantes foram os espetáculos *Madame Scargot – A Vidente do Amor*, o grupo de bonecos *Tio Jean Kids* e “*Coisas da Minha Avó*”. Construiu o Fórum Permanente de Cultura e integrou o Comitê Gestor da Lei Aldir Blanc em Feira de Santana, ocupando a cadeira representativa das Culturas LGBTQIA+, sendo assim para que este e outros projetos fossem desenvolvidos em Feira de Santana.

**ENSAIO "NATUREZA, CORPO,
TRANSMUTAÇÃO"**

BRUNO SANTANA

Nessa poética fotográfica falamos sobre esperança e futuro. Onde as masculinidades foram ressignificadas e passaram a andar de mãos dadas, produzindo sementes de amor no mundo. Esse ensaio foi para visibilizar e humanizar as trasm masculinidades negras e faz parte de um projeto que estamos construindo juntos sobre um arquivo para preservação de memória da comunidade trans negra brasileira.

POEMAS

AFETIVIDADE PRETA- O AMOR ENTRE NÓS E O FUTURO

Quais corpos são passíveis de afeto?
Quais corpos estão dentro da escala de humanidade?
O amor sob a ótica do Cis-tema capitalista ocidental
é branco e cis-heterocentrado.
Amor que extermina
tantas outras possibilidades de ser e sentir...
Pensar o amor entre nós e o futuro
é pensar gênero e sexualidade para além
d'cis-heteronormatividade.
É desgenitalizar os corpos.
É humanizar todas as vidas pretas.
É ressignificar o próprio amor.
É poder sentir afeto pelos corpos trans e travestis sem
medo,
Amar as corpos dissidentes....
Pensar o amor entre nós
é entender que todas as pessoas têm identidades de
gênero
e sexualidades plurais...
E isso não será possível enquanto seguirmos sendo
o país que mais mata pessoas trans e
que mais consome pornografia trans no mundo.

O amor enquanto ato político revolucionário
também precisa ser um instrumento de luta
contra o racismo, o machismo, a transfobia, a LGBTfobia.
Contra tudo que possa existir
pra nos roubar a humanidade.
Falar de amor entre nós e o futuro
é nos despir cotidianamente das amarras coloniais biologicistas,
que adoecem nossas relações de afeto
e aniquilam a potência da nossa DIVERSIDADE.
O amor pelo ocidente traz solidão.
O amor pelo ocidente traz morte.
O amor fora dessa concepção universal\ocidental traz vida.
Essa é a nossa única possibilidade de amor no futuro.

TRANS-PARTO

Me pari.
Me reinventei.
Rompi o cordão umbilical
(cis)hetero-terrorista
Que me acorrentava
Me afastando de mim.
Fui meu próprio parteiro,
Comi a placenta
Cospi,
Arrotei pra seguir.
Pari a mim mesmo,
Construindo a face
que sempre desejei,
Sou ciborgue.
O corpo feito
De retalhos,
De ti, de mim
De (nós)...
Sou eu.
Um pouco
De um montão
De gente

Que já não
Podem ser.
Sou bicho
Desnudo e
(des)humanizado
Desbravando o mundo.
Oras me sinto humano
Outras quero ser o Bicho
Indomável, insano, feliz.
Senti as dores do meu parto
Planejado, desejado!
Me dei o nome
Que sempre quis ter.
Desenhei cada parte
do meu corpo
Sou engenheiro
de mim.
(in)perfeito
nos detalhes
Transgressor
Na escolha
dos fármacos
(in)certos.
Me gestei por anos
Cheio de medos
Sofrendo pelo que (di)riam
Ao me ver grávido
De mim.
Me fortaleci
entre os m(eus)
Nas trincheiras
Margens do (des)caso.
Embalado nas
redes e nos a(feto)s...
Me gerei na certeza
De que depois
não me sobraria
um teto,
O amor de muitos
Desapareceria

(Des)amor!
Emprego
Saúde , escola
Família, religião...
Pari sozinho.
Sem ninguém
por perto pra me abraçar
Ou celebrar
pelo que nascia
De mim.
Sangrei sozinho.
me banhando
De resistência.
Vontade de seguir
Cantando esse parto
tão sonhado
Por ai...
Pensado há tempos
Pela necessidade
de ser: Pluri,
Multi, bicho
Gente...
Dono de mim.

**A MULHER NEGRA EM FEIRA DE
SANTANA**

LAILA GEOVANA BEIRÃO

Quando fui convidada para participar da mesa, refleti sobre o título da mesa que é “A população de feira é diversa” porque a diversidade resgata o nosso humanismo, porque ser diverso é ser humano. Muitas vezes querem nos colocar em uma caixinha e unificar e não é isso, a gente é diverso.

A mulher negra aqui em Feira de Santana ainda sofre muito preconceito. A todo momento precisamos provar a nossa capacidade, por mais que estudemos, somos contestadas. Feira de Santana ainda é uma cidade muito racista e conservadora. Eu me formei em filosofia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Na monografia falei sobre racismo. Porque o racismo estrutural, institucional e o racismo da Ementa do Curso me incomodava. O título da minha monografia foi “A necessidade da descolonização do pensamento e do ensino para combater o racismo acadêmico e a sua transposição para outras esferas sociais.”

Se o Brasil é constituído a partir da herança da colonização escravocrata isso nos causa uma alienação que vai das estruturas até as instituições, sendo assim, a gente precisa refletir sobre essa questão do racismo.

Quando fui convidada a participar do evento e falar do lugar da mulher negra em Feira de Santana eu fiquei refletindo sobre uma cena que assisti há uns dois anos, onde muitas pessoas, feirantes estavam em confronto com os fiscais da prefeitura de Feira para poder continuar trabalhando na Feira Livre, a maioria das pessoas que estavam ali naquele embate eram mulheres Negras. Ou seja, aqui em Feira sempre que eu frequento qualquer espaço, seja em uma clínica odontológica, pediátrica ou em um escritório de advocacia, na sala de professores de uma escola, na recep-

ção de uma universidade eu sempre estou observando as pessoas que estão constituindo aquele lugar e eu percebo que ainda há racismo porque se eu chego em uma sala de aula de uma universidade com quarenta alunos e a maioria dos alunos deste lugar ainda é branca, então, existe racismo ali porque o racismo se apresenta de diversas formas se você chega em um ambiente e percebe que a maioria da população da cidade é negra, mas essa população não está conseguindo acessar os espaços e os postos do mercado de trabalho, então há uma questão a ser discutida. Feira de Santana ainda é uma cidade racista e conservadora. E isso a gente vê em todos os ambientes. Quem compõe o território, as ruas da cidade, e como ela vai se movimentando? A gente precisa refletir muito sobre essa questão e pensar em políticas públicas que abracem essas pessoas e continuar refletindo sobre esse tema tão necessário.

MEU PRANTO TEM COR!

ELLEN OLIVEIRA SANTANA

Quem me dera que fosse só menstruação esse sangue que jorra da minha existência... E não o da minha ancestralidade, antes escorresse apenas pelas minhas pernas e não no asfalto. Quem me dera que esse estralar fosse da corda batendo no chão em meio à brincadeira das crianças, e não do açoite estralando no meu povo, estralar esse que até hoje sinto de forma latente em minhas costas a cada enquadro do capitão, que hoje vem de farda. Antes fosse só choro, hormônios... E não o pranto das minhas, ao terem seus filhos arrancados pelo mesmo sistema que as exploram e escravizam. Antes fosse o peso dos ovários, e não o peso das correntes que prendem meu povo há mais de 500 anos, do navio negreiro ao sistema carcerário. Antes eu pudesse amamentar os meus filhos em paz, e não ter que alimentar os meus pra não morrerem de fome. Antes fosse pelo direito ao trabalho e não ao de descanso. Antes eu não tivesse que carregar o mundo nas costas.

Mais do que apropriado falar de uma *Feira de Santana negra*, é afirmar, sim, que temos uma cidade que manifesta e expressa sua vivência a partir dos aspectos da negritude. Entretanto, esta é uma situação que nem sempre condiz com a realidade; por isso, creio que este trabalho também oportunizará possibilidades de adentrarmos mais ainda nessa temática. Assim, também vejo como uma grande provocação e, mais ainda, como um desafio.

Desafio, acima de tudo, porque trazer este assunto à tona nos remete ao passado não tão distante, mas que nos coloca diante de uma situação histórica, que nos ajudará a viver e compreender ainda mais o que nos propõe o presente trabalho. Para tanto, é preciso fazer memória de quem antes fez acontecer essa realidade negra e sofreu na pele a resistência dos que nunca admitiram os traços da cultura negra feirense; aqui seremos bem breves quanto a este detalhe, trabalharemos apenas alguns poucos nomes, para dar sentido à história da negritude feirense.

Por isso, cabe, numa breve fala, lembrarmos que, nesta *Feira de Santana negra*, tivemos a poesia do negro Aloísio Resende, a presença das baianas na festa maior do catolicismo feirense, o dia de Senhora Santana, lá estavam elas, com o ritual da Lavagem da Igreja e a Levagem da Lenha (com feixes de lenha na cabeça, desfilavam pela Rua Conselheiro Franco, animando os festejos), na Rua Nova, Dona Pomba é lembrada com muito orgulho pelos moradores, Culeirinho da Bahia

fortaleceu o samba da zona rural com a Quixabeira da Matinha; e como não lembrar de George Américo, como também dos Terreiros de Candomblés que eram proibidos de fazerem suas festas; temos ainda a figura de Lucas da Feira, símbolo de resistência e que fez parte da história de uma época, foi condenado à morte pelo regime escravocrata.

Tivemos e temos uma *Feira de Santana Negra*, com suas escolas de samba, blocos afros e afoxés, quilombos urbanos e rurais, bairros onde a predominância é essencialmente negra. A identidade cultural dos negros e negras de Feira de Santana perpassa pela música, teatro, dança, culinária, literatura, movimentos organizados, grupos de capoeiras e, principalmente, pela resistência de muitos negros e negras de hoje, que buscam dar visibilidade a uma identidade própria, que é fortemente marcada pela herança afro-descendente. Por isso, a caminhada será sempre feita e a história continuará sendo contada pelos negros e negras que, na sua luta diária, vão deixando seu legado para outros que virão.

Frei Cal é graduado em Teologia, Filosofia e Administração; membro dos Agentes de Pastoral Negros, Produtor / Apresentador do Programa Sociedade e Você e do Programa Momento do Reggae.

BRUNO SANTANA

Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Pós-Graduando em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNI-LAB). Professor, pesquisador, poeta, escritor, nordestino e transativista negro, pelos coletivos De Transspra Frente e Transbatukada.

EDNA ARAÚJO

Enfermeira, doutorado em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (2007). Estágio sanduiche (2006) e Pós Doutorado (2013) na Public Health School of the University of North Carolina at Chapel Hill - EUA (UNC) com apoio financeiro da CAPES. Professora Titular do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) onde atua no Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC/UEFS). Foi coordenadora do PPGSC/UEFS. É responsável pelo convênio de cooperação internacional entre a UEFS e a UNC e a Universidade de Cape Town na África do Sul. Docente colaboradora do Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena da Universidade Federal do Recôncavo. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdades Sociais em Saúde (NUDES). Áreas de Atuação: Saúde Coletiva/Epidemiologia. Linhas de pesquisa: Saúde de Grupos Populacionais Específicos: Epidemiologia das Desigualdades Sociais em Saúde (raça, gênero e classe), Saúde da População Negra, Saúde de grupos em situação de vulnerabilidade, Violência e Saúde. Coordenadora do Grupo Temático Racismo e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Membro do Conselho Deliberativo da ABRASCO para a gestão 2018-2021. Filiada à ABRASCO, à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e a Associação dos Docentes Universitários de Feira de Santana (ADUFS-BA)

ELLEN OLIVEIRA SANTANA

Poeta marginal, lésbica, mulherista Afrikana, fundadora do SlamMarielle e militante

FLÁVIA SANTANA SANTOS

Trançadeira e aprendiz de costureira, divide os ofícios com a vida de Professora das Artes e das Letras, ao mesmo tempo que proclama seu pertencimento ao bairro Rua Nova, lugar que foi temática afetiva para suas pesquisas de Graduação em Letras com Francês na UEFS (2013), e do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas na UFRB (2016). Atualmente com 33 anos, afirma que uma das posturas mais assertivas para sua formação, foi sua filiação ao Movimento Negro Unificado em (2008)... “Dali em diante tudo mudou”.

GILSAM

Pedagogo, graduado pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, especialista em Educação Especial pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestrando em História da África da Diáspora e dos povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo – UFRB, atualmente é coordenador pedagógico da rede municipal de Salvador, além de militante do movimento negro com forte atuação em Feira de Santana, na Frente Negra Feirense – FRENFE, entre outros como o Olhares Negros, onde atuou como coordenação artística do Evento Encontro do dia da Mulher Negra de Feira de Santana, e ainda atuou como cantor e compositor do Afoxé Pomba de Malê.

IGOR ROSSONI

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1982), Mestrado em Letras, área de concentração Teoria da Literatura (1993); Doutorado em Letras, área de concentração Literatura Brasileira (1998) e Pós-Doutorado em Letras (2009)

pelo IBILCE/ UNESP-SJRPreto-SP. Professor Associado 4 da Universidade Federal da Bahia, Ensaísta e Escritor com 14 livros publicados. Experiência na área de Letras, ênfase em Literatura Brasileira, Teoria da Literatura e Literatura Comparada; atua principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira e portuguesa teoria da literatura, narrativa e poesia contemporâneas, criação literária, literatura e religiosidade literatura e espaço. Membro da Academia de Letras de Santo Amaro/BA.

JOSIVALDO PIRES DE OLIVEIRA

Nasceu na cidade de Central, Chapada Diamantina, em 1971, mudando-se ainda criança para Feira de Santana, onde vive até hoje. Mestre de Capoeira, coordenador do Malungo Centro de Capoeira Angola. Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Professor Adjunto do Colegiado de História da UNEB/Campus XIII – Itaberaba. Autor de vários artigos e livros versando sobre a história social das culturas africanas e afro-brasileiras. Seu livro mais recente, intitula-se: “O urucungo de Cassange: um ensaio sobre os arcos musicais no espaço atlântico (Angola e Brasil)”, Editora Mondrongo, 2019.

LAILA GEOVANA BEIRÃO

Mulher negra, mãe, professora de filosofia, e busco através da escrita e do diálogo uma sociedade mais justa, livre e de respeito entre os seres humanos.

LUANA OLIVEIRA

Professora da Rede Municipal de Feira de Santana e Estadual da Bahia, mestra em Letras (UEFS) e contadora de histórias. Luana Rodrigues – professora da Rede Municipal de Feira de Santana e Estadual da Bahia, mestra em Letras (UEFS) e contadora de histórias.

MARCELO OLIVEIRA LIMA

Roteirista de audiovisual e HQs. Doutor em Comunicação pela UFBA, com pesquisa sobre Dramaturgia de Séries Animadas Serializadas. É professor de roteiro na Estação do Drama (UFBA), narrAtiVas (Benditas) e na Pequena Oficina de Dramaturgia (Funceb/Calendário das Artes). Escreveu a série animada Aut's (PlayKids/TVE/TV Cultura); cocriou a série animada Pequenos Narradores, em finalização para a TV Aratu; é cocriador da série animada Galera da Praia (Griot Filmes/Projeto Tamar), em produção pelo Studio Belli para o canal ZooMoo; roteirista da série documental Formula Dreams, em finalização pela Story Productions (SP); foi colaborador da série Beliche Voador para a Plot Kids (SC); atualmente desenvolve a animação Os Afrofuturistas, financiada pelo Edital de Audiovisual da SECULT/BA, e uma HQ de mesmo nome, selecionada pelo programa Rumos – Itaú Cultural; também desenvolve as séries animadas Jamila, Aprendiz de Astronauta e Hyperkart; a série policial Escorço, com recursos da Lei Aldir Blanc; escreve a segunda temporada da série animada Mundo Ripilica para a Marisol, com exibição na Discovery Kids e Amazon Prime. Participou de laboratórios internos de roteiro e formação para showrunner promovidos por plataformas de streaming, onde desenvolveu projetos de comédias e dramédias live-action voltadas para o público jovem adulto. No âmbito acadêmico participa das pesquisas "História da Animação na Bahia" e "Vários Mundos, Uma Bahia – um estudo sobre a construção de Mundos Ficcionalis nas Séries Baianas". Recebeu o Prêmio Literário João Ubaldo Ribeiro da Prefeitura de Salvador (2017) pela adaptação para HQ do romance "O Bicho que Chegou a Feira", de Muniz Sodré. Portfólio e informações sobre projetos e oficinas no site www.marceloroteiros.com

MESTRE CACIANO SILVA

Líder quilombola da Lagoa Grande e tem sua trajetória ligada aos movimentos sociais em Feira de Santana e região. Atuou com mais ênfase nos movimentos dos trabalhadores rurais, onde foi presidente do sindicato.



Apoio Financeiro:

PREFEITURA DE
FEIRA
O GOVERNO DA GENTE

SECRETARIA
DE CULTURA,
ESPORTE E LAZER
FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL